

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GABRIEL VERBENA E OLIVEIRA

**Prática Urbana: Skate** – tensões do capitalismo e usos do espaço  
urbano

São Paulo

2018

GABRIEL VERBENA E OLIVEIRA

**Prática Urbana: Skate – tensões do capitalismo e usos do espaço urbano**

Trabalho de graduação individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para a obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabel Aparecida Pinto Alvarez.

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

O48 p Oliveira, Gabriel Verbena e  
Prática Urbana: Skate - tensões do capitalismo e  
usos do espaço urbano / Gabriel Verbena e Oliveira ;  
orientador Isabel Aparecida Pinto Alvarez. - São  
Paulo, 2018.  
53 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo. Departamento de  
Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Skate. 2. Urbanização. 3. Produção do espaço. 4.  
Práticas urbanas. I. Alvarez, Isabel Aparecida Pinto  
, orient. II. Título.

## Resumo

OLIVEIRA, Gabriel Verbena e. **Prática Urbana: Skate** – tensões do capitalismo e usos do espaço urbano. 53 p. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2017.

O skate é uma prática surgida dentro das cidades e se desenvolveu, cresceu e ganhou suas significações nos espaços urbanos. É uma prática que está num ponto de tensão interessante em relação ao capitalismo, onde entra em conflito com as forma hegemônicas, ligadas ao mercado, de se gerenciar a cidade e ao mesmo tempo produz um nicho de mercado que movimenta imensas quantidades de dinheiro todo ano. A relação dos praticantes com a cidade é íntima e pode assumir mais de um contexto por conta de tal tensão; a visão dos praticantes sobre o skate e a relação da prática com os espaços urbanos são elementos da realidade das cidades. Estudar essas questões amplia o entendimento da geografia e das ciências sobre a produção dos espaços urbanos e a relação da população com eles através de práticas específicas, como o skate.

Palavras-chave: skate; urbanização; produção do espaço; práticas urbanas.

## **Abstract**

OLIVEIRA, Gabriel Verbena e. **Urban Practice: Skate** - tensions of capitalism and uses of urban space. 53 p. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2017.

Skateboarding is a practice that arose within cities and developed, grew and gained its meanings in urban spaces. It is a practice that is at an interesting point of tension in relation to capitalism, where it conflicts with the hegemonic, market-linked ways of managing the city and at the same time produces a market niche that moves huge amounts of money every year . The relationship of practitioners with the city is intimate and can assume more of a context because of such tension; the practitioners view on skateboarding and the relationship of the practice with urban spaces are elements of the reality of cities. Studying these issues expands the understanding of geography and science on the production of urban spaces and the relation of the population with them through specific practices, such as skateboarding.

Keywords: skateboard; urbanization; production of space; urban practices.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Skatistas na Praça Roosevelt	34
<b>Figura 2</b>	Ciclistas e skatista na Avenida Paulista fechada para veículos	39
<b>Figura 3</b>	Bilheteria do Farol Santander	43
<b>Figura 4</b>	Criança com os pais na Pista de Skate do Farol Santander	46
<b>Figura 5</b>	Competidora durante o Vans Skate Series	48

## **Sumário**

<b>1. Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>2. Estudos da urbanização e o skate como prática urbana .....</b>	<b>12</b>
<b>3. O Skate e a cidade .....</b>	<b>24</b>
<b>4. Como os skatistas compreendem a prática do skate.....</b>	<b>33</b>
<b>5. Considerações finais .....</b>	<b>54</b>
<b>6. Bibliografia .....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A prática do skate é comum hoje nos centros urbanos. Jovens, em sua maioria, são vistos com frequência fazendo acrobacias, ou simplesmente deslizando sobre suas “pranchas com rodinhas” em ruas e praças, ou mesmo em parques e rampas construídos para esta finalidade. Embora comum, esta prática nem sempre é reconhecida pelo poder público e mesmo por diferentes grupos da sociedade como produto e parte das cidades. Muitas vezes a permanência da prática em certos lugares se dá através de conflitos. No caso de São Paulo, por exemplo, o prefeito Jânio Quadros, em 1988, proibiu a prática do skate no Parque Ibirapuera e depois em toda a cidade. Este evento gerou uma mobilização dos skatistas, que incluiu protestos fechando avenidas próximas ao parque e adesivos com os dizeres “skate não é crime”<sup>1</sup>.

Observando esta dinâmica, surgiu-nos a seguinte questão: o uso e prática do skate poderiam ser compreendidos como uma transformação dos usos óbvios ou esperados de determinados espaços urbanos, públicos ou não? As reflexões em torno desta questão podem revelar um nicho de tensões entre determinadas práticas e a forma que os atores hegemônicos da sociedade atual usufruem e produzem a cidade, considerando as intenções capitalistas destes atores, uma vez que se trata do espaço urbano desenvolvido e produzido dentro da lógica capitalista, o incentivo ao consumo e ao desenvolvimento de atividades que visam o lucro são as determinações principais, priorizando-se o que pode ser vendido, consumido, ou o que pode evidenciar a força e hegemonia do Estado. Outras situações ficam preteridas, como o uso social, da presença de corpos, de acrobacias e sons que deveriam simplesmente de estar confinadas a locais privados ou pessoais (que muito provavelmente já teriam passado pelo processo de venda e/ou consumo).

---

<sup>1</sup> Entrevista com skatistas que participaram dos protestos na época e matérias de jornal relatando o ocorrido: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/gymmkw/proibido-andar-de-skate-em-sp](https://www.vice.com/pt_br/article/gymmkw/proibido-andar-de-skate-em-sp)>. Acesso em 14 de junho de 2018.

As tensões mencionadas são, portanto, próprias de práticas que não surgem de uma proposta mercadológica. O skate, por sua vez, encaixa-se nesta proposição. A forma de encarar o espaço público e de aproveitá-lo para fins não destinados ao mercado parece ser diferenciada para os praticantes de skate; eis que o modo com que os skatistas podem perceber essas tensões, ainda que subjetiva ou inconscientemente, tornar-se-ia parte importante de uma análise sobre as relações entre a urbanização capitalista e as práticas urbanas, que podem representar desde situações de pequenas fissuras, a formas de organização que claramente confrontam o sistema.

O objetivo deste trabalho é conhecer como os skatistas enxergam, atualmente, a relação de sua prática com o espaço urbano. Além disso, observar e compreender melhor as contradições provocadas pelo capitalismo em uma prática ligada a aspectos de liberdade e rebeldia, mas também nicho de mercados que movimenta imensos volumes de dinheiro através de marcas de roupas e acessórios, além da comercialização do próprio skate e suas peças.

Uma revisão bibliográfica de autores que trabalhem com a atual visão do sistema econômico prevalecente do mundo atual – o capitalismo – sobre o espaço urbano também integra o desenvolvimento dos argumentos. A prática do skate é fenômeno tipicamente urbano, é importante pensar como a forma de gerir e de viver as cidades relaciona-se com a prática.

As reflexões realizadas para a pesquisa nos permitiram estruturar o presente trabalho da seguinte forma:

No primeiro capítulo serão abordadas as conexões entre os elementos na construção da cidade capitalista e a existência de práticas que nascem sem propósito mercadológico, mas que acabam sendo incorporadas pela lógica das relações sociais mediadas pela mercadoria. Além disso, tentar-se-á pensar como os estudos urbanos que focam em diferentes lados desta tensão – entre a gestão capitalista das cidades e as práticas não-mercado-lógicas incorporadas por ela – podem dialogar para ampliar a compreensão destas conjunturas.

A presença, muitas vezes vista como indesejada, do skate em espaços que não foram pensados para abrigar a prática e a caracterização desta como urbana intrinsecamente, serão aspectos evidenciados pela história do skate comentada no segundo capítulo: seu surgimento e seu desenvolvimento como sinônimo de rebeldia e ligação com a contracultura de forma geral. Deverá ficar mais clara a conexão da prática do skate com as situações mencionadas na primeira parte do trabalho.

Na terceira parte deste trabalho, aparecerão entrevistas com skatistas feitas em diversos espaços onde a prática é comum na cidade de São Paulo. Nesse tipo de tensão – entre determinada forma de vivenciar um espaço e a necessidade capitalista de torná-los mercadoria – e as maneiras de vivenciar e lidar com as contradições do sistema econômico vigente na atualidade. As entrevistas servirão como forma de aproximar o nosso entendimento da visão dos praticantes, sobre como a marginalização e rebeldia tipicamente associados à prática skate se comunicam com as contradições citadas e com a forma de viver os espaços da cidade.

Estudar as práticas urbanas, em especial práticas destoantes dos interesses do capitalismo, é um caminho essencial para melhorar nossa compreensão da urbanização e as contradições relativas ao capitalismo que produz as cidades. Quando práticas, como o skate, por exemplo, se entrelaçam com essas contradições ao mesmo tempo em que as contestam, elas tornam-se especificidades da sociabilidade contemporânea e da produção dos espaços urbanos.

Enfim, o esforço deste trabalho consiste em analisar a importância dessas práticas na apropriação do espaço urbano, relacionar a história do skate como prática (não somente como esporte) com tal apropriação e captar um pouco da visão – tanto subjetiva quanto objetiva – dos praticantes do skate sobre as contradições e tensões geradas entre a prática e a forma capitalista de administrar as cidades.

## 2. ESTUDOS DA URBANIZAÇÃO E O SKATE COMO PRÁTICA URBANA

Existem tensões que o capitalismo gera devido à mercantilização e à busca incessante por lucro; o capitalismo busca tornar todas as relações, bens, práticas, paisagens, em algo comercializável, ou seja, em mercadoria. As forças hegemônicas que produzem o espaço urbano o fazem tendo por objetivo a mercantilização do mesmo; esta hegemonia é negada por formas fora desta normatização, ou seja, formas de se produzir e viver o espaço sem transformá-lo em produto de mercado. Sabendo disso, pensemos se é válido pensar a prática do skate como algo que pode desviar-se dessa intenção capitalista sobre o espaço e que, ao mesmo tempo, pode incluir-se como fonte de lucro; uma prática que pode se diferenciar do uso cotidiano de certo lugar, comprometendo a mercantilização do mesmo ou gerando novos espaços a se incluir nas lógicas de mercado. Portanto, o foco nesta pesquisa será na tensão entre a transformação de práticas e espaços em mercadorias, bem como numa prática que, em primeira instância, não seria simplesmente produto de mercado: o skate. Portanto, exploraremos as intersecções entre as práticas capitalistas, a prática do skate e as formas de viver a cidade e sua produção espacial.

A importância dos estudos da urbanização é, vez ou outra, negligenciada. Harvey atesta que no processo de urbanização estão colocados interesses e contradições: de um lado o das classes hegemônicas capitalistas – detentoras dos meios de produção – e, de outro as que dizem respeito às relações da vida, que envolve as relações sociais e culturais, as práticas cotidianas, a criatividade pelas quais as pessoas reinventam suas formas de viver. Essa desatenção quanto aos aspectos contraditórios e conflituosos relacionados ao desenvolvimento do espaço urbano é elemento perturbador na evolução do conhecimento sobre ambos os lados dessa tensão mencionada anteriormente; ambos os lados precisam ser evidenciados, e colocar os estudos sobre o urbano em segundo plano prejudica o entendimento acerca não só das partes envolvidas na contradição, mas também da própria tensão. Segundo Harvey:

Com muita frequência, no entanto, o estudo da urbanização se separa do estudo da mudança social e do desenvolvimento econômico, como se o estudo da urbanização pudesse, de algum modo, ser considerado um assunto secundário ou produto secundário passivo em relação a mudanças sociais mais importantes e fundamentais. As sucessivas revoluções em tecnologia, relações espaciais, relações sociais, hábitos de consumo, estilos de vida etc., características da história capitalista, podem, sugere-se às vezes, ser compreendidas sem investigação profunda alguma das raízes e da natureza dos processos urbanos. [...] No entanto, nos estudos da mudança macroeconômica e macrosocial, a tendência antiurbana é demasiadamente persistente por comodidade. Por essa razão, parece conveniente investigar o papel que o processo urbano talvez esteja desempenhando na reestruturação radical em andamento nas distribuições geográficas da atividade humana e na dinâmica político-econômica do desenvolvimento geográfico dos tempos mais recentes.” (HARVEY, 2005 p. 166)<sup>2</sup>

Ou seja, segundo a proposição do autor, a urbanização teria um papel importante na forma como as relações sociais e cotidianas são absorvidas pela maneira de pensar a cidade dos governos agentes hegemônicos capitalistas. As dinâmicas político-econômicas ditam a forma que a cidade deve se organizar e os destinos dos espaços dela, constantemente conflitando com as formas cotidianas das atividades humanas.

Conforme as cidades cresceram, o capitalismo as tornou cada vez mais integradas à lógica da reprodução das relações deste sistema, ou seja, a diversidade de relações (de diversas naturezas e compassos) dos espaços urbanos tornam-se reféns da ideia de consumo e geração de lucro. De acordo com Adriano Botelho (2007, p.18), para melhor ilustrar a última sentença, “grandes operações de rearranjo espacial são levadas a cabo pelo Estado em parceria com o capital, com a finalidade de criar novos espaços que sirvam à lógica da circulação do capital” através das construções de shopping centers, hotéis, grandes empreendimentos de turismo ou lazer (na qual a prática do skate pode ser incorporada). Botelho ainda complementa que as atividades imobiliárias foram responsáveis por 20,8% dos investimentos realizados na Grande São Paulo no período de janeiro de 1995 a maio de 2000, denotando a importância do capital derivado do espaço urbano e a mercantilização da cidade.

---

<sup>2</sup> HARVEY, David. A Produção Capitalista do Espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

Mesmo as situações mais inocentes ou banais são encaradas como potenciais mercadorias ou, simplesmente, como mercadorias de fato. Os espaços urbanos e as interações da população com eles estão inclusas de forma profunda nesta apropriação capitalista.

Essa lógica é confirmada na sequência do raciocínio de David Harvey. Ao atestar sobre a postura adotada na administração das cidades pós-1960, Harvey ressalta que “parece haver um consenso geral emergindo em todo o mundo capitalista avançado: os benefícios positivos são obtidos pelas cidades que adotam uma postura empreendedora em relação ao desenvolvimento econômico” (2005, p. 167), ou seja, as cidades devem ser gerenciadas por seus governos de forma empreendedora, buscando lucro e inserção no mercado. Harvey evoca Boddy e Cochrane em sua concordância sobre o envolvimento das autoridades locais britânicas em atividades de desenvolvimento econômico diretamente relacionadas com a produção e o investimento (2005, p. 167) para reforçar a ideia de que as cidades são, cada vez mais, governadas a partir de uma visão voltada à mercantilização e ao lucro.

A intersecção evidenciada por Harvey, entre as formas não-capitalistas de viver o espaço urbano e a necessidade de apropriação deste pelos detentores dos meios de produção, é um foco extremamente relevante a ser observado pelos estudos urbanos. Tal intersecção mostra como, seja pelos governantes e estratégias estatais, seja pelos estudos críticos realizados sobre isso, o lado sistematicamente capitalista é mais observado e reforçado. Em suma, Harvey nos aponta que apenas as formas capitalistas das contradições do espaço urbano estão sendo evidenciadas. É importante notar que as influências são mútuas, ou seja, tanto da urbanização (guiada pelo capitalismo e pelo mercado) no âmbito social quanto no caminho contrário, por isso o discurso de David Harvey é importante, pois as observações não devem se restringir a uma única parte dessas relações. Adriano Botelho trata esta relação – entre modo capitalista de produção e espaço produzido, vivenciado, concebido e conceituado – como uma via de mão-dupla dentro de sua complexidade dialética

(2007, p. 16), reiterando que as contradições possuem dinâmicas onde ambas as partes são ativas e interferem nesta relação e naqueles indivíduos afetados por ela. A respeito da estratificação social do capitalismo, complementando o raciocínio mencionado, Botelho atesta que esta dualidade ocorre...

Pois o espaço não é o locus passivo das relações sociais, já que possui um papel ativo, como saber e como ação, utilizado operacional e instrumentalmente pela classe hegemônica. O espaço capitalista não estaria, porém, purgado de suas contradições, apesar da hegemonia de uma classe. (BOTELHO, 2007, p.16)<sup>3</sup>

O trecho citado evidencia a importância das classes não-hegemônicas na produção dos espaços (em evidência aqui, urbanos) no funcionamento da sociedade – ou seja, na forma de vivência cotidiana e nas funções que esses espaços adquirem para estas classes. Entendendo hegemonia como detenção dos meios de produção, falando-se de capitalismo. Ao reiterar a presença das contradições no espaço capitalista, Botelho afirma que as classes sociais mais baixas possuem influência e conexão com a produção deste espaço. Neste raciocínio, dar atenção às classes não-hegemônicas que atuam na produção do espaço é parte importante dos estudos da urbanização. Este trabalho focará na prática do skate como um segmento específico de tal lógica, pois faz parte de uma cultura urbana e prática diretamente relacionada ao espaço e à sociabilidade; uma prática recheada das contradições e tensões até aqui abordadas e que pode refletir muito bem a complexidade da construção do espaço urbano.

Sendo uma prática urbana, mas mais ainda uma prática de rua, olhar para o skate dentro da multiplicidade de relações constituintes da realidade urbana é olhar para a inter-relação de manifestações bastante diversas dos elementos

---

<sup>3</sup> BOTELHO, Adriano. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. Cadernos Metrôpole., [S.l.], n. 18, fev. 2012. ISSN 2236-9996. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8727>>. Acesso em: 20 out. 2017

atuantes na construção desta realidade. Para compreender melhor este raciocínio recorreremos à Ana Fani Alessandri Carlos.

Segundo a autora, as formas de apropriação do lugar e da cidade se tornam mais claras na rua, evidenciando diferenciações e contradições da vida cotidiana, além das imposições das estratégias do capital enquanto agente que subordina o social aos seus interesses para promover a tendência de homogeneização e normatização dos espaços (CARLOS, 2007, p.51). A ideia prossegue ao tratar dos múltiplos significados desta análise:

O tema da “rua” nos coloca diante do fato de que na análise do espaço urbano o lugar aparece com significados múltiplos. A cidade, em si, só pode ser determinada como lugar à medida que a análise incorpore as dimensões que se referem à constituição, de um lado, do espaço urbano, e de outro, aquela da sociedade urbana. Todavia a cidade é reproduzida a partir da articulação de áreas diferenciadas com temporalidades diferenciais que se produzem, fundamentalmente, da constituição de uma forma de apropriação para uso que envolve especialidades que dizem respeito à cultura, aos hábitos costumes, etc..., que produzem singularidades espaciais que criam lugares na cidade das quais a rua aparece como elemento importante de análise. (CARLOS, 2007, p.51-52)<sup>4</sup>

Nesta lógica, a análise do trabalho considera a cultura do skate de rua como uma dessas especialidades envolvidas na reprodução do espaço da cidade. Os skatistas se reúnem em determinados locais e fazem daquele espaço o lar de sua prática, ainda que aquele local não tenha sido inicialmente pensado na intenção de abrigá-los; a prática do skate pode modificar determinado espaço de uma cidade quando passa a fazer uso dele de uma maneira diferenciada, de forma não-óbvia, dando a ele novo significado (como na multiplicidade mencionada por Carlos). Mais a frente, noutro capítulo, será esclarecida a ideia de “skate de rua” – ainda que não haja isolamento total entre as, digamos, modalidades da prática, seja de elementos como regras ou como as aproximações culturais em geral ligadas ao skate. Em suma, investigar a prática do skate é investigar uma forma de viver o espaço urbano e como essa prática

---

<sup>4</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007.

impacta na percepção e uso de certas áreas da cidade; é investigar uma forma de sociabilidade ligada à urbanização.

O espaço urbano é mais do que relações de posse, economia e mercado. Mesmo que, dentro da lógica capitalista, haja uma tendência – ou mesmo esforço – para transformar quaisquer relações ali presentes em produto mercadológico, não se pode diminuir o papel da sociabilidade pautada em relações afetivas, de convivência, de compartilhamento, ou até de uma visão mais romântica de um espaço urbano por aqueles que o vivem ou frequentam. As situações mencionadas também fazem parte da construção do espaço urbano e estão envolvidas nas lógicas de mercado, ainda que não sejam assim *a priori*; se reitera aqui as contradições da qual o espaço não está purgado. Não olhar para o espectro social/cultural do urbano é ignorar a contradição e fechar o entendimento da cidade, das formas hegemônicas de produzi-la e da sua produção de fato.

Essas formas não-mercadológicas de interação com o espaço urbano são reféns da maneira capitalista de gerenciar as cidades, ao mesmo tempo que as influenciam. A principal contradição ocorre devido ao alicerce do capitalismo encontrar-se na ideia de propriedade, enquanto as relações sociais não são, *a priori*, produtos vendáveis ou adquiríveis; a cidade é construída de acordo com as intenções das classes hegemônicas economicamente, mas as questões culturais e de sociabilidade não-mercantilizada existem, resistem e não respondem ou atendem sempre a tais classes. Existe grande heterogeneidade na estratificação de classes da sociedade capitalista; não há diferenciação apenas de poder aquisitivo entre os estratos, há também nas formas de vivência dos espaços, nos aspectos culturais e em outros aspectos que não se determinam, inicialmente, pela lógica de produção capitalista.

O próprio espaço urbano é produzido segundo os interesses do mercado imobiliário e seu interesse em determinadas áreas. Ou seja, o acesso privado à cidade limita o acesso aos espaços urbanos, logo as relações sociais também se

limitarão acerca disso, visto que são partes integrantes da dita produção. Sobre os espaços da cidade como propriedade privada, Carlos diz:

A ocupação do espaço da cidade, submetida à existência da propriedade privada do solo urbano, é produto da expansão da urbanização capitalista apoiada na generalização do valor de troca no espaço, fazendo com que o acesso à cidade seja mediado necessariamente, pelo mercado imobiliário. A disseminação da propriedade da terra na cidade está assentada, nas sociedades capitalistas, no direito à propriedade, isto é, no acesso privado à vida na cidade, fato que se constitui como uma base sobre a qual e assentam as relações sociais. Portanto, a produção do espaço urbano metropolitano realiza o espaço enquanto mercadoria, logo a metrópole se encontra ocupada privadamente. (CARLOS, 2007, p. 73)<sup>5</sup>

A mesma autora aponta para uma apropriação dos espaços reproduzidos socialmente pelo mercado, gerando uma espécie de escassez de áreas. O fato de que a produção da cidade é feita em função da propriedade privada é o cerne da dita escassez, como explica Carlos:

No momento atual do processo histórico, do ponto de vista da reprodução do capital, o processo de reprodução espacial, com a generalização da urbanização, produz uma nova contradição, que é a que se refere à diferença entre a antiga possibilidade de ocupar áreas como lugares de expansão da mancha urbana (como por exemplo, através do parcelamento de antigas chácaras ou fazendas que estão na origem de muitos bairros da metrópole paulista) e sua presente impossibilidade diante da escassez de áreas. Isto porque o espaço, enquanto valor, entra no circuito da troca geral da sociedade (produção/repartição/distribuição), fazendo parte da reprodução da riqueza que, em seu desenvolvimento, constitui-se em raridade. Por outro lado, vivemos hoje um momento do processo de reprodução em que a propriedade privada do solo urbano – condição da reprodução da cidade no capitalismo - passa a ser um limite para expansão econômica capitalista. Isto é, diante das necessidades impostas pela reprodução do capital, o espaço produzido socialmente - e tornado mercadoria durante o processo histórico - é apropriado privadamente, criando limites à sua própria reprodução. Nesse momento, o espaço, produto da reprodução da sociedade, entra em contradição com as necessidades do desenvolvimento do próprio capital (CARLOS, 2007, p. 74)<sup>6</sup>

Como exposto pela autora, a atual escassez de áreas causa uma impossibilidade de expandir a área da mancha urbana como acontecia

---

<sup>5</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

<sup>6</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

antigamente, a exemplo do caso de São Paulo. Em nossa pesquisa, essa consideração é importante para refletir sobre como a prática do skate vê-se normatizada e destinada a alguns lugares. Tornar os espaços urbanos parte do circuito de compra e venda de mercadorias inibe outras relações e prática, como por exemplo, a prática do skate e a percepção dos skatistas acerca dos locais onde a prática se torna comum. Estas outras formas, constantemente, estão conectadas à reprodução da própria sociedade, e a mercantilização do espaço urbano entra em contradição com isso.

A contradição apresentada pode ser vista de forma análoga à realidade do skate: uma prática, além de esportiva, ligada ao espaço e à contracultura, por exemplo, mas que ao longo de sua extensão e crescimento foi também vista como um nicho de mercado com produtos de preços variados, empresas envolvidas em patrocínio de competições, marcas de roupas e acessórios etc. Ou seja, o skate está permeado, enquanto prática urbana, pelas contradições do capitalismo tanto quanto a produção do espaço das cidades; aqueles que detêm os meios de produção transformam em produto mesmo as formas mais distanciadas das lógicas de mercado.

A mercantilização do espaço e as ações do estado nele podem ser observadas via diversas inclinações. Como este trabalho irá direcionar a análise para a percepção dos praticantes do skate sobre as relações entre a própria prática, a sociabilidade, as contradições provocadas pelo sistema capitalista, consideramos importante relacionar a prática do skate com a existência de espaços públicos de lazer, tendo em vista que ruas e parques são lugares de sua realização.. Um espaço público de lazer pode conflitar com a intenção de mercantilizar os espaços urbanos, uma vez que as ações do estado que pensa de forma empreendedora, conforme tratado anteriormente, precisam entrar em sinergia com a necessidade de lucrar com os espaços.

Tratando-se, em específico, de espaços adequados à prática do skate, as visões do estado e da especulação imobiliária direcionam-se para outra interpretação: a presença de skatistas, pessoas atreladas a uma cultura de

subversão e mesmo desobediência civil, faz com que o estado se desinteresse em espaços que fortaleçam a mobilização deste segmento de tribo urbana e, ao mesmo tempo, com que o setor imobiliário reduza seu interesse em investir nas proximidades de tais áreas. Essa análise mostra, por um lado, as possibilidades de resistência que esta prática pode congrega, e por outro, a dificuldade de permanência da prática do skate no espaço urbano, considerando que sua produção é ditada pela lógica capitalista.

A inserção do skate nos espaços da cidade é exemplo categórico da dificuldade de articular espaços de lazer com a lógica produtiva mercadológica na qual as cidades estão inseridas. Nestes espaços de lazer é preciso reparar nas contradições e na reprodução de relações conflituosas, pois a compreensão do espaço urbano passa também por elas. A complexidade destas situações pode ser elucidada quando é observado que:

Os espaços produzidos para o lazer, ou naqueles onde este se realiza, reproduzem os constrangimentos do cotidiano programado que tende à homogeneização, e imprimem certa hierarquização socioeconômica ao distinguir relações e práticas que compõem o processo de reprodução das relações de produção. Como um elemento de troca na sociedade de consumo, a prática do lazer apresenta-se ainda mais complexa e conflituosa, sobretudo, quando se incorporam outros elementos que se somam às distinções criadas para seccionar o uso desse espaço e determinar as formas de sociabilidade. (MARES, 2017, p. 138-139)<sup>7</sup>.

Mares diz, ainda, que para refletir a produção espacial contemporânea devemos entender o lazer como elemento complexo que não se circunscreve a questões econômicas, abarcando também relações políticas, sociais, simbólicas e culturais. A autora complementa afirmando que a realidade atual, onde as lógicas de consumo mediam a gestão das cidades induzindo desigualdades socioespaciais, é questionável quando se pensa no acesso a “bens e serviços, do próprio direito à cidade de modo ampliado, ao submeter o cidadão aos comandos do sistema produtivo em que seu direito realiza-se apenas mediante

---

<sup>7</sup> MARES, Rizia M. A produção social dos espaços de lazer: o caso de Vitória da Conquista, Bahia-Brasil. Revista Formação (ONLINE), Vol. 1; n. 24, Jan-Abril/2017. p. 136-152. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/4664>> Acesso em 28 out. 2017.

a troca, isto é, pelo consumo” (MARES, 2017, p. 137). A complexidade mencionada pela autora encaixa-se na realidade da prática do skate ao notarmos que ela pode ser uma forma de acesso ao lazer que pode ou não se desviar do consumo e das relações de diversas naturezas mencionadas há pouco.

Ainda no raciocínio de Mares, é importante atentar para o acesso através do consumo ressaltado pela autora, que não se restringe apenas a bens ou serviços, mas ao próprio Direito À Cidade, proposição discutida por Henry Lefebvre. Tal restrição de acesso por conta da produção da cidade como negócio é comentada também por Ana Fani Alessandri Carlos:

[...] o espaço público se transforma – esvaziando-se de sentido porque limita e coage os modos de apropriação –, o uso das ruas, por exemplo, modifica-se profundamente e elimina os pontos de encontro e, com isso, rompe as possibilidades do próprio encontro, enquanto a expulsão de parte dos moradores e a mudança das funções das construções (residências que se transformam em pequenos negócios de prestação de serviços, ou mesmo estacionamentos) rompem com as antigas relações de vizinhança, propiciando a perda da sociabilidade (CARLOS, 2007, p.66)<sup>8</sup>.

A prática do skate pode transgredir essa mediação do consumo quando se constitui enquanto prática de rua, que pode ser exercida na cidade como um todo. Como será exposto futuramente ao analisarmos as entrevistas com skatistas de São Paulo, enxergar a cidade em si como espaço para a prática destoa da mediação por consumo, ainda que a prática do skate em si não se descole do mercado.

O raciocínio nos remete, enfim, a Henry Lefebvre e O Direito À Cidade. As transformações dos espaços da cidade em produto ou em mero circuito de passagem daqueles que ali estão indo e voltando de suas casas ou atividades econômicas e a ausência de identificação ou apreço pelos locais pelos quais se passa são observações pertinentes a este trabalho, e foram pertinentemente

---

<sup>8</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

discutidos por Lefebvre em sua obra. Além disso, 40 anos atrás, Lefebvre já expôs como o capitalismo se tornou profundamente determinante na construção das cidades. O autor atesta, ainda, que o valor de troca destrói, juntamente à generalização da mercadoria pelo crescimento das indústrias, a cidade e a realidade urbana – estas dependentes e refúgios do valor de uso (LEFEBVRE, 1968, p. 14). Em seguida, destrincha:

No sistema urbano que procuramos analisar se exerce a ação desses conflitos específicos, entre valor de uso e valor de troca, entre a mobilização da riqueza (em dinheiro, em papel) e o investimento improdutivo na cidade, entre a acumulação do capital e sua dilapidação nas festas, entre a extensão do território dominado e as exigências de uma organização severa desse território em torno da cidade dominadora. (LEFEBVRE, 1968, p. 14)<sup>9</sup>

Porém, como a prática do skate poderia se relacionar diretamente com as proposições de Lefebvre? Para ilustrar este diálogo, olhemos para o que o autor aborda sobre necessidades humanas:

A essas necessidades antropológicas socialmente elaboradas (isto é, ora separadas, ora reunidas, aqui comprimidas e ali hipertrofiadas) acrescentam-se necessidades específicas, que não satisfazem os equipamentos comerciais e culturais que são mais ou menos parcimoniosamente levados em consideração pelos urbanistas. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas. Através dessas necessidades específicas vive e sobrevive um desejo fundamental, do qual o jogo, a sexualidade, os atos corporais tais como o esporte, a atividade criadora, a arte e o conhecimento são manifestações particulares e momentos, que superam mais ou menos a divisão parcelar dos trabalhos. (LEFEBVRE, 1968, p. 105)<sup>10</sup>

O que Lefebvre chama de “necessidades” pode incluir, sim, a prática do skate. Uma prática complexa e difícil de definir contemplando todas as suas possibilidades (conforme será exposto com mais detalhes adiante), que transita entre o esporte e uma atividade física lúdica, mas recheada de filosofias de vida, ideologias e sentidos; possui mesmo suas ligações com arte e com a criatividade. Em nosso entendimento, o skate possui relações íntimas e

---

<sup>9</sup> LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo. Ed. Anthropos, 1968.

<sup>10</sup> LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo. Ed. Anthropos, 1968.

pertinentes com o espaço urbano e com a vivência nele, com as transformações dele, com seus conflitos e contradições e, portanto, com o direito à cidade.

David Harvey, já mencionado anteriormente, diz, de maneira contundente, o que significa o direito à cidade e nos permite enxergar a presença de práticas e culturas urbanas nele. O direito à cidade deve significar o direito de comandar todo o processo urbano, e Harvey afirma que uma eventual união entre os movimentos sociais urbanos e das periferias deveria reivindicar um maior controle democrático sobre a produção e a utilização do lucro e, conseqüentemente, uma vez que o processo urbano é um dos principais canais de uso desse dinheiro, criar uma gestão democrática da sua aplicação constitui o direito à cidade<sup>11</sup>. A prática do skate é parte deste espectro, é intrinsecamente urbana, faz parte da geração de lucro e apropria-se dos espaços urbanos através da atividade física e da sociabilidade (como ficará mais claro no desenrolar deste trabalho). Analisar as inter-relações presentes entre esta prática e a cidade, é analisar a realidade urbana.

O direito à cidade é muito mais do que liberdade individual de acesso aos recursos urbanos: é o direito de modificar a si mesmo por modificar a cidade. É, mais ainda, algo coletivo, e não individual, visto que essa transformação depende, inevitavelmente, do exercício de um poder coletivo de remoldar os processos da urbanização. A liberdade de fazer e refazer as cidades por nós mesmo é um dos mais preciosos, ainda que dos mais negligenciados, dos nossos direitos humanos. (Harvey, 2008)<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> HARVEY, David (September–October 2008). "The right to the city". New Left Review. Disponível em: <<https://newleftreview.org/II/53/david-harvey-the-right-to-the-city>> Acesso em: 22 de mar. 2018.

<sup>12</sup> HARVEY, David (September–October 2008). "The right to the city". New Left Review. Disponível em: <<https://newleftreview.org/II/53/david-harvey-the-right-to-the-city>> Acesso em: 22 de mar. 2018.

### 3. O SKATE E A CIDADE.

O “skateboard”, como é chamado nos Estados Unidos (pode-se traduzir como “tábua com rodas”), surgiu na primeira metade do século XX na Califórnia. Segundo Brandão (2006)<sup>13</sup>, há registros de documentados de uma patente de skate assinada em 1939. O mesmo autor, entretanto, ressalta que há um grande hiato entre a popularização da prática, que entraria numa rota crescente na década de 1970, e este registro inicial, ou seja, o tempo de existência do skate é muito maior do que se pensaria tendo em mente a ,relativamente, recente popularização.

O primeiro skateboard a ser fabricado e comercializado chamava-se Roller Derby; chegou ao mercado em 1959. Durante a década de 1960, segundo Brandão, o skate foi introduzido no Brasil e ainda era visto como mera derivação do surf<sup>14</sup>. Em 1963, tornou-se esporte regulamentado nos Estados Unidos e no mesmo ano ocorreu o primeiro campeonato – o torneio foi disputado na Califórnia, em Hermosa Beach. No ano seguinte, surgiu a primeira revista especializada no assunto: a Skateboarder Magazine. Entretanto, a partir da metade desta mesma década houve uma diminuição dos praticantes e da seriedade com a qual o skate era encarado; apesar de desenvolver-se como esporte, a percepção sobre a prática ainda a tratava como mera brincadeira.

Isto exemplifica bem a questão da mercantilização das práticas fora da normatização capitalista. Ser visto como brincadeira e não ser levado a sério por conta disso é retrato da necessidade de tornar cada aspecto da sociedade em parte da lógica de mercado; tratar o skate como esporte torna mais viável tratá-lo, também, como mercadoria. Ou seja, aquilo que não pode ser comercializado não deve ser encarado com seriedade.

---

<sup>13</sup> BRANDÃO, Leonardo. *Corpos Deslizantes, Corpos Desviantes: A prática do skate e suas representações no espaço urbano*. Dissertação de mestrado em história. Universidade Federal da Grande Dourados, 2006, p.30.

<sup>14</sup> BRANDÃO, Leonardo. “O skate invade as ruas”: história e heterotopia. In: RUA [online]. 2014, no. 20. Volume II - ISSN 1413-2109. p. 53. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

O skate foi extremamente ligado ao surf em seu princípio; quando a seca atingiu fortemente o estado da Califórnia no começo da década de 1960 e provocou uma escassez de ondas nos mares californianos, o skate cresceu em popularidade para simular as manobras do surf. Os praticantes – até então surfistas – utilizaram as piscinas esvaziadas pela seca para simular com o skateboard as manobras feitas nas ondas do mar. Aqui começa o direcionamento da prática do skate como algo eminentemente urbano, além de dar origem a uma das modalidades do skate mais praticadas competitivamente: a rampa vertical.

Eis que o skate mostra-se uma maneira de apropriar-se do espaço de forma criativa logo em sua origem. Usar piscinas esvaziadas como pista para manobras é tratar de forma não-óbvia determinado espaço e apropriar-se dele, é subverter a lógica de mercado do espaço. A piscina, e a área na qual ela se encontra, não são vendidas com o intuito de abrigar a prática do skate.

Essa resignificação do espaço pode ser entendida como parte integrante da ideia de direito à cidade, já citada anteriormente. Harvey sobre essa forma de apropriação do espaço urbano, ressaltando como a coletividade pode alterar a maneira de viver a cidade e relacionando com uma forma de expressão pessoal, ainda que não individual, através do que ele se refere como "mais profundos desejos". O skate poderia, enquanto um movimento social urbano, ser visto como uma dessas coletividades a buscar a expressão de seus desejos na transformação da obviedade de um espaço urbano? O discurso de Harvey citada a seguir aponta para algo que se aproxima da realidade da prática – isso se tornará mais claro com a apresentação das entrevistas com skatistas que virá adiante.

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez

que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização<sup>15</sup>. (Harvey, 2014, p.28)

A crescente popularização do skate, já na década de 1970, foi impulsionada por um avanço tecnológico: o desenvolvimento do poliuretano, material do qual as rodas dos skates passariam a ser feitas. Com as novas rodas, agora mais aderentes ao asfalto e possibilitando movimentação mais veloz, os skatistas foram agraciados com uma onda de melhorias nos equipamentos para sua prática. Houve também a criação de locais (particulares) específicos para a prática do skate, chamados skate parks, para abrigar as grandes pistas, lojas especializadas foram abertas e até literatura direcionada aos skatistas passou a existir. Segundo Brandão<sup>16</sup>:

Livros com essa temática só teriam justificativa para existir se houvesse, realmente, uma perspectiva de grande demanda, ou seja, não seriam publicados livros ensinando a praticar skate se não houvesse uma boa quantidade de pessoas querendo aprender. Assim em 1975, Russ Howell lança “Skateboard: techniques, safety, maintenance”, e em 1976, Bem Davidson publica “The skateboard book”, ambos livros que objetivam levar aos novos adeptos ensinamentos como, por exemplo, um melhor posicionamento corporal em cima do skate, formas de não sofrer lesões em quedas e dicas sobre manobras básicas.” (BRANDÃO, 2006, p.31).

Pode-se retomar, ainda, a problemática ligada à mercantilização dos espaços de lazer. A criação dos skate parks pode ser vista como uma tentativa de se enquadrar dentro da norma padrão, no modo capitalista, de produção do espaço urbano. A prática origina-se como forma de entreter os surfistas quando não há maré propícia ao esporte; a prática toma contornos criativos desde seu princípio ao tornar piscinas vazias um local com objetivo completamente diferente daquele para o qual foi construído; esta mesma prática teve de definir um espaço adequado – leia-se aqui um espaço que não interfira nos demais – para sua realização. Brandão também fala sobre o skate no Brasil, e sobre o

---

<sup>15</sup> HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana; tradução Jeferson Camargo. - São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2014.

<sup>16</sup> BRANDÃO, Leonardo. Corpos Deslizantes, Corpos Desviantes: A prática do skate e suas representações no espaço urbano. Dissertação de mestrado em história. Universidade Federal da Grande Dourados, 2006.

surgimento de uma das mais famosas modalidades do skate como esporte profissional, na década de 1970:

Na segunda metade da década de 1970, entretanto, a prática começou a sofrer um processo de esportivização, ganhando publicações especializadas (Asrevistas *Esqueite*, *Brasil Skate* e o *Jornal do Skate*), pistas (*Wave Park*, *Alphaville* e outras), campeonatos, juízes etc. Esse movimento resultou no que hoje é conhecido como skate vertical, atividade constantemente noticiada pela mídia televisiva como “esporte radical” e que se vale de grandes rampas – as quais se parecem com uma grande letra “U” – para a realização dos treinos e competições<sup>17</sup> (BRANDÃO, 2006, p.53).

Esses skate parks logo encontraram dificuldades financeiras por precisarem pagar indenizações devido ao alto número de acidentes e acabaram fechando. Isso colapsou o novo mercado e deixou muitos skatistas (que já começavam a alcançar considerável profissionalização) desamparados em termos de estrutura e patrocínios. O colapso culminou em um direcionamento ideológico do skate como tribo urbana: aqui os skatistas passaram a ligar-se com contracultura – movimento punk e new wave – e o skate tornou-se sinônimo de rebeldia.

É curioso notar que o aspecto de ideologia rebelde associado ao skate aparece após certo fracasso da tentativa de enquadrar a prática em certa restrição espacial para sua realização. A prática surge subvertendo o uso de certos espaços e, quando tenta ser contida, essa subversão se expande para além do uso dos espaços; o skate, então, passa a ter uma relação próxima a ideologias consideradas rebeldes. O punk, por exemplo, apareceu num momento de crítica severa ao capitalismo e adotando uma fala de denúncia da aceitação da podridão e miséria da sociedade<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> BRANDÃO, Leonardo. “O skate invade as ruas”: história e heterotopia. In: RUA [online]. 2014, no. 20. Volume II - ISSN 1413-2109. p. 51-60. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<sup>18</sup> GALLO, Ivone. POR UMA HISTORIOGRAFIA DO PUNK. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S.l.], v. 41, ago. 2011. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6542/4741>>. Acesso em: 21 maio 2018.

Os skatistas passam a abraçar a o punk e o hip hop devido à sua ligação com o que foi chamado pela imprensa estadunidense de contracultura. O termo surgiu na década de 1960, junto à ascensão do skate, para designar “manifestações que, de diferentes maneiras, passaram a se opor à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições da sociedade do Ocidente, como a Igreja, o Estado e a Família” (BRANDÃO, 2006, p.42). O conjunto de movimentos de rebelião da juventude que surgiram no princípio da década de 1960, como o movimento hippie, o rock and roll, o uso de drogas, a liberdade sexual, eram comportamentos movidos por um forte espírito de contestação e insatisfação, bem como um desejo de mudança. O historiador Eric Hobsbawn chamou este período de “revolução cultural”<sup>19</sup>.

A postura rebelde incorporada pela cultura skatista mostra-se uma espécie de frente de luta contra a dominação feita através da urbanização do capital; a prática do skate pode ser vista de uma posição que se difere do controle que as classes hegemônicas do capitalismo buscam dominar. Como ressalta Harvey, o controle necessário para os detentores dos meios de produção de capital vai além da aparelhagem estatal:

A reprodução do capital passa por processos de urbanização de inúmeras maneiras. Contudo, a urbanização do capital pressupõe a capacidade de o poder de classe capitalista dominar o processo urbano. Isso implica a dominação da classe capitalista não apenas sobre os aparelhos de Estado (em particular, as instâncias do poder estatal que administram e governam as condições sociais e infraestruturais nas estruturas territoriais), como também sobre populações inteiras - seus estilos de vida, sua capacidade de trabalho, seus valores culturais e políticos, suas visões de mundo. Não se chega facilmente a esse nível de controle, se é que se chega. A cidade e o processo urbano que a produz são, portanto, importantes esferas de luta política, social e de classe. (HARVEY, 2014, p.133)<sup>20</sup>

Este controle citado por Harvey não se enquadra na ideia “faça por si mesmo” dos skatistas; esta postura surgiu em grande parte por conta da intensificação do skate nas ruas durante a década de 1990. Mesmo com o

<sup>19</sup> HOBBSAWN, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>20</sup> HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana; tradução Jeferson Camargo. - São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2014.

desenvolvimento do skate como esporte profissionalizado, a prática nas ruas não desapareceu e fortaleceu-se no aspecto aqui explicado. Essa ideia, traduzido do inglês “do it yourself”, se define por conta da atitude que os skatistas têm de identificar e “criar” (“ressignificar”, “renovar”, “apropriar-se de” para uma nova função) espaços interessantes para a prática. Isso causa desconforto a proprietários e administradores de espaços públicos ou mesmo privados (DINIZ e SILVA, 2016, p.21)<sup>21</sup>.

Valores culturais e políticos anticapitalistas, bem como uma visão de mundo no mesmo sentido, e um estilo de vida onde os espaços urbanos podem ser ressignificados juntamente ao fracasso da tentativa de restringir os espaços designados para o skate, colocam a prática numa posição interessante de contradições dentro das lógicas de mercado. Mesmo com tantos direcionamentos conflitantes com os aspectos citados por Harvey que necessitam ser dominados pelas classes hegemônicas para fins de reprodução do capital, o skate tornou-se um nicho de mercado. Marcas de roupas e de acessórios, de calçados e até das próprias pranchas e rodinhas; empresas multimilionárias movimentando quantias exorbitantes de dinheiro em um segmento recheado de contradições com o sistema econômico predominante no mundo atual.

A década de 1980 ficou marcada pelo foco maior que passou ser dado para as rampas verticais por grandes nomes do skate profissional, mas a popularidade do skate de rua foi a que mais cresceu. A relação do skate com a contracultura e o difícil acesso às rampas verticais fortaleceu a forma mais crua da prática. Entrando na última década do século XX, a profissionalização crescente e o desenvolvimento de melhores tecnologias para a fabricação de rodas e pranchas (ou “shapes”, como são chamadas as placas de madeira dentre os praticantes) padronizaram tanto o estilo dos acessórios quanto as formas de competir com eles.

---

<sup>21</sup> DINIZ, Nelson e SILVA, Luciano H. da. Contra-uso skatista de espaços públicos no Rio de Janeiro. Revista eletrônica @metropolis. Nº27, ano 7. Dezembro de 2016.

As melhores tecnologias e padronização impulsionaram o mercado citado anteriormente. A produção se especializou de tal forma a originar marcas que se tornaram referência dentro do universo do skate, que vendem seus produtos em todo o mundo. Bons exemplos são as empresas DC Shoes e Element. A primeira foi fundada em 1994 e cresceu rapidamente para se tornar líder em calçados voltados para a performance no skateboard<sup>22</sup>, enquanto a segunda surgiu em 1992 e continua criando a arte, direção e mensagem num caminho constante para trazer progresso ao universo do skate.<sup>23</sup>

Os textos apresentados pelos sites das marcas são mais um aspecto da contradição provocada na prática do skate pela lógica capitalista. Por mais que haja incentivo à arte e propagação de determinada mensagem, as vendas realizadas movimentam quantias altíssimas de dinheiro utilizando a imagem e uma cultura que pode também ser vista de uma perspectiva que não se encaixa na obtenção de lucro. E se houve ascensão para as marcas, houve também ascensão do número de praticantes – são eles o mercado consumidor desses produtos. Em 2009 foi realizada uma pesquisa que apontou uma receita anual de 4,8 bilhões de dólares para o mercado do skate e apontou mais de 11 milhões de praticantes ao redor do mundo<sup>24</sup>.

Este aspecto no Brasil é mais atual: enquanto nos Estados Unidos a ascensão meteórica foi durante a década de 1990, no Brasil é uma realidade contemporânea. O site da Confederação Brasileira de Skate<sup>25</sup> apresenta pesquisas realizadas pelo instituto Datafolha desde 2002 sobre a prática no

---

<sup>22</sup> De acordo com o próprio site da marca: <<http://www.dcskoes.com/customer-service-corporate-information-about-us.html>> (em inglês). Acesso em 16 de junho de 2018.

<sup>23</sup> De acordo com o site da própria marca: <<https://us.elementbrand.com/mens/page/about>> (em inglês). Acesso em 16 de junho de 2018.

<sup>24</sup> MONTGOMERY, Tiffany. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20140812232423/http://www.shop-eat-surf.com/2009/05/the-state-of-the-skateboarding-industry/>>

<sup>25</sup> Confederação Brasileira de Skate: <<http://umti.com.br:8040>>

Brasil; o número de praticantes era de 3,8 milhões em 2009 (mesmo período da pesquisa citada anteriormente) e ultrapassou 8,5 milhões de pessoas em 2015<sup>26</sup>.

O crescimento do número de praticantes mostra não só um maior mercado consumidor para as marcas ligadas a este universo, mas mostra também que há maior número de pessoas em contato com uma série de ideologias que se opõem às ideologias predominantes na sociedade hoje, em especial ideologias capitalistas. Mais um aspecto contraditório emerge aqui: um maior mercado consumidor é também maior alcance de ideias incompatíveis com os interesses do capital, divulgadas pelo movimento punk, pelo hip-hop e outras tribos urbanas.

O desenvolvimento histórico do skate denota as contradições presentes no contato entre a prática em si e o capitalismo. Uma prática recheada de subversões e rebeldia configura, simultaneamente, um mercado multimilionário que pode chegar aos 5 bilhões de dólares<sup>27</sup> ao tornar-se um esporte olímpico na olimpíada de Tóquio em 2020. Constatadas tais observações e considerando a prática como um movimento caracteristicamente urbano, deve-se prestar atenção nele e estudá-lo.

Seja na ressignificação de certo espaço de uma cidade, seja na geração de mercados inteiros (desde marcas, produtos e consumidores para eles, serviços como os skate parks etc.), seja na difusão de ideologias taxadas como subversivas ou rebeldes, nós podemos notar que o skate está presente na construção e na vivência do espaço urbano. A prática de rua, da contracultura e do “faça por si mesmo” existe concomitantemente às estruturas institucionais, confederações que, a partir da inclusão do skate como esporte olímpico,

---

<sup>26</sup> Disponível em: [http://umti.com.br:8040/uploads/ckeditor/attachments/4449/Pesquisa\\_Datafolha\\_2015.pdf](http://umti.com.br:8040/uploads/ckeditor/attachments/4449/Pesquisa_Datafolha_2015.pdf). Acesso em 18 de junho de 2018.

<sup>27</sup> De acordo com pesquisa divulgada nos seguintes meios: [https://www.technavio.com/report/global-outdoor-gear-skateboarding-equipment-market?utm\\_source=T4&utm\\_medium=BW&utm\\_campaign=Media](https://www.technavio.com/report/global-outdoor-gear-skateboarding-equipment-market?utm_source=T4&utm_medium=BW&utm_campaign=Media) e <https://www.businesswire.com/news/home/20160705005261/en/Rising-Popularity-Skateboarding-Drive-Global-Skateboarding-Equipment>

respondem inclusive ao Comitê Olímpico Internacional. A forma como as pessoas envolvidas nesta prática enxergam a ela própria, a forma como alguém vivencia a cidade de dentro de uma prática diretamente responsável por ressignificações espaciais e os resultados desta vivência repleta de contradições podem ser objetos de estudo de qualquer projeto que mire a urbanização e dos estudos das tensões geradas pelo capitalismo em práticas que se conectem a determinadas visões de mundo ou formas de pensamento.

#### 4. COMO OS SKATISTAS COMPREENDEM A PRÁTICA DO SKATE

O número de skatistas no Brasil é muito grande, como já citado anteriormente. Sendo a maior metrópole nacional, São Paulo apresenta diversos "picos" (denominação dada pelos praticantes a locais onde a prática do skate é comum). Esses locais podem ser parques, avenidas ou praças com ou sem pistas construídas especificamente com o propósito de se destinar ao uso do skate. Alguns destes espaços foram visitados para observarmos esse uso e conseguirmos entrevistas com praticantes. Nosso objetivo foi tentar, através da visão passada por eles, compreender melhor qual a relação do skate e dos skatistas com a cidade e como as contradições da prática são percebidas.

Os locais visitados foram: a Praça Roosevelt; a Avenida Paulista; a pista do Parque Cândido Portinari; e a pista do Farol Santander. Estes espaços possuem uma história relativamente particular em relação à prática do skate. As entrevistas serão apresentadas em sequência aos contextos dos locais no que diz respeito à presença de skatistas e como eles se tornaram "picos". Cada espaço visitado possui um contexto ligeiramente diferente dos outros: espaços privados, públicos e resultados de parceria de ambos; espaços destinados à prática do skate e construídos para isso ou onde ela é presente de maneira mais espontânea.

Inicialmente direcionaremos nossa atenção à Praça Roosevelt. Inaugurada em 1970, cercada por bares, teatros e considerada pela prefeitura um presente para a cidade de São Paulo pelo aniversário de número 416<sup>28</sup>, a Praça Roosevelt fica localizada ao final das ruas Augusta e da Consolação, próxima às estações República e Anhangabaú do metrô, no centro de São Paulo. A Roosevelt é um "pico" para skatistas há décadas, mas é difícil rastrear quando a prática começou a ocorrer por lá. Recentemente reformada, sua reinauguração ocorreu em 2012, uma parte da praça foi destinada

---

<sup>28</sup> Site da prefeitura de São Paulo. <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/infraestrutura/sp\\_obras/arquivos/praca\\_roosevelt\\_2.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/infraestrutura/sp_obras/arquivos/praca_roosevelt_2.pdf)>. Acesso em 19 de junho de 2018.

especificamente para a prática de skate – denominada skatódromo, segundo a site da prefeitura paulistana.

Antes cercada por comércios e teatros, a partir da década de 1970 e, principalmente, na década de 1980, a Roosevelt foi perdendo esta centralidade uma vez que vários estabelecimentos foram deixando gradativamente o local. Apenas no ano 2000 o grupo de teatro "Os Satyros" instalou-se num dos imóveis ao redor da Praça, primeiro passo de uma retomada da atenção estatal e da população para aquele lugar<sup>29</sup>. Mesmo nestes períodos complicados, os praticantes de skate foram uma constante presença por lá<sup>30</sup>.



**Figura 1 – Skatistas na Praça Roosevelt. Foto de Lucas Lima. Outubro/2012. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/12939-skatistas-na-praca-roosevelt#foto-231233>>. Acesso em 20 de Junho de 2018.**

<sup>29</sup> Matéria sobre a história da Praça Roosevelt: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/13.147/4504>>. Acesso em 19 de junho de 2018.

<sup>30</sup> WASCONCELLOS, João G. F. Skat'insubordinado: Flâneurs sobre rodinhas. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

Na Praça Roosevelt, abordei o skatista Murilo, de 24 anos. Ele se mostrou empolgado quando falei sobre o trabalho e concordou animadamente em ser entrevistado. Liguei o gravador e pedi que ele se apresentasse: Eis a fala:

Sou Murilo, tenho 24 anos e ando de skate já faz 6 ou 7 anos. Achei interessante a ideia do trabalho, falar sobre a abordagem dos espaços, ainda mais numa metrópole como São Paulo. O skate é visto muito como uma cultura marginalizada, se você parar para analisar, ela vem de uma classe baixa, mais afastada socialmente falando. É uma rapaziada que vem da periferia andar aqui no centro de São Paulo, e todos nós sabemos que o centro de São Paulo é feito para a classe dominante ter acesso. Mas eu vejo o skate como ocupação de espaço, uma ocupação de espaço de direito que é nosso, ainda mais de uma coisa que é pública. E o skate eu vejo não só como uma ferramenta para fazer esporte ou o exercício da locomoção, mas como uma postura perante a sociedade, porque o skate é uma coisa, como posso dizer, ele é uma cultura alternativa: nós temos nossos próprios ídolos, nós temos nossas próprias gírias, enfim. Eu vejo como um mundo paralelo ao mundo de hoje. O skate, se você analisar, é uma cultura muito ampla, as pessoas se expressam no skate pela arte, pela fotografia, pela poesia, pelo filme, enfim. São diversas outras maneiras onde você consegue expor o que você pensa junto com a mobilidade do seu corpo, mas de uma maneira que você consegue transcrever isso materialmente.

A fala do skatista, longa e engajada no que diz respeito à relação com a prática do skate, ilustra bem a profundidade que essa prática pode ter. Ao ser pedido para se apresentar, Murilo logo direcionou seu discurso para a marginalização da prática e o amplo espectro que ela atinge, desde apropriação dos espaços até expressões artísticas. Esta fala nos demonstra que é imprudente tratar a prática do skate de forma restrita, apenas como esporte, por exemplo, pois os alcances do skate são inúmeros; esse raciocínio aparecerá novamente na fala de outro entrevistado num local diferente. Murilo tenta deixar claro que o skate é mais que esporte ou atividade física.

Quando Murilo afirma que o skate é a ocupação de um espaço de direito, ele está colocando o skate como uma prática que atinge a produção do espaço urbano, bem como sua apropriação. Segundo o advogado João Pedro Ferraz Teixeira, a Constituição Federal prevê em seu art. 5º que ninguém é obrigado a deixar de fazer algo senão em virtude de lei e em seu art. 6º o lazer (entre outras

coisas) como direito social<sup>31</sup>. Pode-se afirmar, então, que o skate é um direito legal de seus praticantes enquanto estes não infringem leis, direito de ocupar os espaços públicos através de sua prática, direito que não pode ser tirado deles – isso de acordo com a própria constituição. Pode-se dizer ainda “que o espaço urbano compreende as edificações (espaço urbano fechado) e os chamados “equipamentos públicos” (espaço urbano aberto), onde estão inseridas as áreas verdes e praças públicas” e que “O espaço público decorre da interação do indivíduo com a cidade. Deve existir por meio de uma convivência harmônica entre estes elementos. Somente desta forma, o indivíduo poderá gozar desta prerrogativa fundamental” (s/d, p. 9)<sup>32</sup>.

Não somente no âmbito das leis, a ocupação dos espaços públicos é parte do Direito À Cidade. Ana Fani Alessandri Carlos expõe que este Direito não é apenas direito à moradia e serviços, mas “direito de viver os espaços públicos e privados, capaz de permitir a realização do plano do individual e do coletivo” (2008, p. 16)<sup>33</sup>. A autora complementa ainda que o ato de morar é, também, o de habitar, que não se restringe ao espaço do privado, envolvendo as relações com os espaços públicos como o lugar da realização da sociabilidade (2008, p. 17)<sup>34</sup>. A fala do skatista Murilo encaixa-se nesta lógica e demonstra consciência dela.

Ao ser perguntado sobre onde costuma andar de skate, Murilo afirma que vê a cidade como "uma pista aberta". Segundo ele, qualquer lugar onde a

---

<sup>31</sup> TEIXEIRA, João Pedro F. Skate, preconceito e ocupação do espaço público pela população. Publicado em Setembro de 2015 no site: <<https://jus.com.br/artigos/43046/skate-preconceito-e-ocupacao-do-espaco-publico-pela-populacao>>. Acesso em 22 de junho de 2018.

<sup>32</sup> SILVA, Lucas Soares e; AGOSTINHO, Luís Otávio Vincenzi de. A fundamentalidade do direito ao espaço público e sua limitação em nome da segurança. p. 9. Sem data. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=6e7b33fdea3adc80>>. Acesso em 22 de junho de 2018.

<sup>33</sup> CARLOS, Ana Fani A. Sobre a prática sócio-espacial. In: Dantas, Aldo. (Org.). Geografia e cultura, marxismo, complexidade, ensino, planejamento, saúde. 1ed.Natal: EDUFRRN, 2008, v. 1.

<sup>34</sup> CARLOS, Ana Fani A. Sobre a prática sócio-espacial. In: Dantas, Aldo. (Org.). Geografia e cultura, marxismo, complexidade, ensino, planejamento, saúde. 1ed.Natal: EDUFRRN, 2008, v. 1.

percepção do skatista mostre que é possível aplicar alguma técnica pode se tornar um pico. Perguntei se ele já foi a alguma pista privada e a resposta foi categórica: considera os valores muito altos e uma forma de segregar os praticantes de skate. Usando o exemplo da pista do Farol Santander – local que também foi visitado e será abordado adiante – afirmou que o valor de entrada classifica quem pode ou não andar lá e que não acha isso correto. Mesmo reconhecendo que as qualidades de uma pista projetada como a do Farol Santander, citando a qualidade da madeira e os ângulos das subidas, Murilo considera que "o skate deve ser livre e não se deve cobrar nada".

Murilo também é direto ao ser indagado sobre preconceito contra os skatistas:

O preconceito contra o skate parte muito da classe dominante. Por mais que hoje o skate esteja capitalizado com várias marcas dando oportunidades pros caras serem atletas e dando uma estrutura legal, tem um preconceito do pessoal que não entende o que a gente vê pelo skate. É um skate, na visão deles, marginalizado, que vai quebrar a rua ou passar por cima das pessoas. Muitas vezes o pessoal do skate tenta trocar uma ideia e dizer que não é assim, mas quando a pessoa está num estado de alienação, é difícil você expor suas ideias.

As falas de Murilo captam bem as tensões e contradições que foram faladas nos capítulos anteriores. Ao mesmo tempo em que o skate deve ser livre e pode ter a própria cidade como local de prática, as marcas estão transformando estes praticantes em atletas – atletas olímpicos a partir da edição de 2020. Ao mesmo tempo em que as pessoas podem ver skatistas como vândalos que quebram a rua, mas existe todo um conjunto de marcas que capitalizam essa prática e lucram com ela.

Na opinião de Murilo, as marcas devem existir. Afirmou inclusive que consome essas marcas mostrando as peças que usava no momento, a jaqueta e o tênis. Ele diz que as marcas são uma forma de "fortalecimento de skatista para skatista", dando condições aos competidores com equipamentos e com o próprio estilo de roupas e acessórios. Murilo diz também que, nas palavras dele, grandes corporações como Nike e Adidas entraram no mercado do skate sem fazer parte disso e que isso torna o mercado do skate muito artificial. A Nike e a

Adidas são marcas que não se originaram do universo do skate, como as já citadas neste trabalho DC Shoes e Element. Podemos notar na fala de Murilo que essas marcas que vem de um ambiente externo ao skate não fariam parte deste dito fortalecimento, pois não são fundadas por skatistas e teriam interesse somente no lucro e não no crescimento do cenário, diferente dos sites das marcas mencionadas anteriormente e também no presente parágrafo (DC Shoes e Element). Nas palavras de Murilo, a Nike e a Adidas não fazem parte do coração do skate. Um grupo de amigos do skatista apareceu e nós encerramos a entrevista por aqui.

A Avenida Paulista é a principal avenida que compõe a expansão do centro de São Paulo, a partir dos 1950. Aberta ainda no final do século XIX, tornou-se, sobretudo nos 1970, o endereço dos principais bancos e do maior sindicato patronal da indústria, a FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). Também contém uma série de equipamentos culturais, como museu, teatros, cinemas, galerias e institutos, vinculados ou não a estas entidades privadas. Por isso, ao mesmo tempo em que se consolidou como sede do poder econômico, é uma centralidade também do ponto de vista do entretenimento, de comércio (como shopping centers) e serviços, sendo considerada, inclusive pela grande mídia, como a principal avenida de São Paulo. Tornou-se espaço de inúmeros eventos ou atividades que fogem a estes usos programados, como: passeatas, protestos, venda por ambulantes, apresentação de artistas nas ruas e calçadas e outras tantas possibilidades. Dentre elas, naturalmente, o skate. Em função desta centralidade, desde 2015, aos domingos, a avenida mais famosa da cidade fica aberta para a população sem a circulação de carros, ônibus e motocicletas<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Anúncio da abertura da paulista à população aos domingos <[http://www.cetsp.com.br/noticias/2015/10/15/avenida-paulista-sera-aberta-para-pedestres-e-ciclistas-no-domingo-\(18-10\).aspx](http://www.cetsp.com.br/noticias/2015/10/15/avenida-paulista-sera-aberta-para-pedestres-e-ciclistas-no-domingo-(18-10).aspx)>. Acesso em 18 de junho de 2018.



**Figura 2 – Ciclistas e skatista na Avenida Paulista fechada para veículos. Foto de Flávio Moraes. Janeiro/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/01/avenida-paulista-e-outras-25-vias-serao-abertas-no-aniversario-de-sp.html>>. Acesso em 20 de Junho de 2018.**

A Avenida Paulista, área mais elevada do centro expandido da capital paulista, superpõe ao eixo central do chamado Espigão Central, uma plataforma interfluvial entre os rios Tietê e Pinheiros<sup>36</sup>. Devido à sua posição no topo do Espigão, a avenida torna-se um imenso espaço plano e asfaltado, tornando-se extremamente convidativo aos skatistas. E eles não se restringem a aproveitar os "picos" da Avenida Paulista apenas durante a abertura aos domingos. Em outros dias da semana também é possível encontrar praticantes aproveitando beiradas de calçada e outros obstáculos para praticar suas manobras.

O skatista Bruno, 16 anos, foi entrevistado na Avenida Paulista e afirmou que a avó o levava para andar de skate em pistas no Rio de Janeiro, de onde a

---

<sup>36</sup> NIEMANN, Rafaela S. e VITTE, Antonio C. Uma introdução à história da geomorfologia no Brasil: a contribuição de Aziz Nacib Ab'Saber. RBGF - Revista Brasileira de Geografia Física. Recife-PE Vol.2 n.01. jan/abril 2009, p. 41-50.

família dele é natural. Bruno começou na prática ainda com 4 anos de idade e o incentivo familiar torna-se mais claro ao nos revelar que seu pai é surfista. Quando perguntado sobre onde costumava andar, Bruno respondeu:

Costumava andar lá no Museu do Ipiranga, aí saí de lá e fui pro Ibirapuera. Aí saí do Ibirapuera e vim pra Paulista andar, eu gosto um pouco mais de rua. Agora estou começando a entrar no mundo dos *bowl riders*, que é onde as pessoas andam em piscina ou pista.

Bruno afirma que sua atração pelo skate foi natural desde que iniciou na prática. Atesta também que se manteve no esporte (nas palavras dele) por considerar que muitas coisas lhe foram proporcionadas pelo skate, como amizades e o estilo de se vestir. Logo após explicar porque continua a praticar o skate desde tão novo, Bruno diz:

Todo mundo criminaliza o skate, mas não é tudo isso. O estilo de roupa é largadão e tatuado, aí todo mundo acha que skatista fuma maconha, mas não é assim. Quando você passa de skate todo mundo fica te olhando feio, né? Como se você fosse marginal, se você não estudasse.

Podemos inicialmente observar na fala do skatista Bruno alguns pontos interessantes acerca da prática: o primeiro ponto é o incentivo familiar para que o skate fizesse parte da vida dele. É comum que pais e mães, ou mesmo avós, passem seus interesses aos filhos, entretanto, apesar de ter notado a presença de crianças pequenas, eu não vi nenhum idoso nos picos que visitei, o que me leva a crer que a situação de Bruno não é algo muito comum. Vamos focar, porém, no que é concernente aos espaços da prática.

Os locais preferidos para andar de skate para Bruno são todos espaços públicos e que não são destinados ou preparados especificamente para a prática. Ele refere-se a eles como "rua". Como já foi evocada anteriormente, a fala de Ana Fani Alessandri Carlos sobre isto nos diz que a cidade só se configura como lugar quando as dimensões da sociedade urbana e do espaço urbano são levadas em consideração. A "rua" para os skatistas não é apenas aquela parte da cidade com calçadas e asfalto onde há circulação de pessoas em diversas direções, mas que muito raramente é o destino final delas. Para um praticante de "*street*", a cidade é a rua.

*Street* é uma modalidade<sup>37</sup> da prática de skate, a mais comum delas. O skatista aqui vê a própria arquitetura urbana como possibilidade para suas manobras, a criatividade para realização delas é que delimita até onde é possível chegar. Podemos retomar a fala de Murilo, entrevistado na Praça Roosevelt, que disse ver a cidade como uma pista aberta. O "*freestyle*" anda junto ao *street*, mas está mais ligado aos locais planos e sem obstáculos, prezando pela liberdade e estilo do skatista para criar os movimentos.

É no que tange essas duas possibilidades que se encontra Bruno: ele torna as formas dos lugares onde pratica skate parte de sua prática. Isso é viver o espaço urbano de uma maneira única, ligada a uma prática pessoal que vai ressignificar os lugares onde for praticada, vai dar a eles um novo sentido. Ainda que possamos considerar a Paulista aberta, o Ibirapuera e o Parque da Independência (onde localiza-se o Museu do Ipiranga) espaços destinados ao lazer, a prática do skate se apropria deles e dos objetos e formas neles presentes, de sua arquitetura mesmo. Isso, em nosso entendimento, pode ser compreendido como sendo a apropriação explanada por Carlos (2007, p.53), apropriação que inclui cultura e costumes, sendo o skate essa via cultural ou um costume específico.

Quando perguntado sobre a razão do preconceito contra skatistas, Bruno afirma:

É algo que vem de antigamente já. Meu pai é surfista e diz que na época dele todos olhavam feio pra ele também. Conversando com meu pai, ele disse: 'todo mundo olha feio pra skatista, mas daqui a uns vinte anos isso passa, aconteceu comigo também. Me chamavam de vagabundo e de maconheiro só porque eu surfava, daqui a pouco isso passa'.

Assim como falado por Murilo na entrevista anterior, Bruno disse que ele e as pessoas com quem anda de skate costumam se aproximar e tentar diálogo com transeuntes hostis a eles. Afirma também que skatistas não gostam de violência. O preconceito que Bruno percebe através da história familiar pode ser

---

<sup>37</sup> Matéria sobre as modalidades do skate. <<http://www.oskate.com.br/modalidades-de-skate-conheca-as-principais/>>. Acesso em 19 junho de 2018.

explicado desde pela ligação do skate com a contracultura, explicada em capítulo anterior deste trabalho, e até mesmo pela estranheza causada nas pessoas ao observar esta forma de viver a cidade, o skate.

Como explicado no capítulo anterior, o skate se aproximou de manifestações culturais questionadoras, incluindo o hip hop, que atualmente continua muito próximo da cultura do skate – o chamado *street wear* exemplifica isso: a forma de se vestir característica dessa cultura “de rua”, com roupas largas, toucas, tênis grandes e etc. Hip hop e skate estão associados à periferia e não a classes mais abastadas e a ocupação por essas práticas e/ou culturas de espaços centrais nas cidades não é bem visto por aqueles que têm seus espaços “invadidos”, especialmente quando falamos de práticas que carregam um discurso questionador, como é tradicional do hip hop.

Por fim, perguntei o que ele pensava sobre as marcas relacionadas ao skate. Bruno afirmou que as marcas mostram para as pessoas que é possível ganhar dinheiro e viver do skate e que isso fortalece a cena do skate. O skatista precisou ir embora da Avenida Paulista para um compromisso pessoal, encerrando aqui nossa conversa.

O antigo edifício do Banco do Estado de São Paulo (BANESPA), hoje pertencente ao banco espanhol Santander, localizado no chamado “centro velho” ou centro histórico da cidade de São Paulo, próximo da famosa Avenida São João e de outros marcos como a Praça da Sé e o Mosteiro de São Bento. Foi rebatizado de Farol Santander, apresenta entre outras estruturas, uma pista de skate que foi projetada por Bob Burnquist, um dos maiores nomes do skate brasileiro e mundial. Segundo o site oficial do edifício, Burnquist disse “olha aonde o skate chegou” ao inaugurar a pista com suas próprias manobras<sup>38</sup>. A empresa já havia se envolvido com o skate anteriormente, numa exposição

<sup>38</sup> Site oficial do Farol Santander. <[https://www.farolsantander.com.br/?gclid=EAIaIQobChMlrXPr-rW2wIWEAiRCh2r0QCeEAAYASAAEgLfvrD\\_BwE#/o-farol/pista-de-skate](https://www.farolsantander.com.br/?gclid=EAIaIQobChMlrXPr-rW2wIWEAiRCh2r0QCeEAAYASAAEgLfvrD_BwE#/o-farol/pista-de-skate)>. Acesso em 18 de junho de 2018.

chamada "Transfer", sediada em Porto Alegre (2008) e depois em São Paulo (2010)<sup>39</sup>.

O edifício popularmente conhecido como "Banespão" tornou-se um centro cultural e de entretenimento, no qual a pista é parte do conjunto. O restante do prédio inclui ainda quatro andares destinados a exposições, uma arena onde "especialistas em desenvolvimento de negócios e cidades"<sup>40</sup> palestram aos sábados para o público visitante, café com mirante e memorial do prédio.

O ingresso para visitação geral do prédio custa vinte reais e dá direito a visitação e permanência por tempo indeterminado. A pista de skate, porém, está inclusa apenas como objeto de contemplação; para de fato utilizar a pista, aproveitá-la andando de skate, é necessário pagar um ingresso de 30 reais pela permanência de uma hora. O preço inclui o material de proteção, skate e instruções básicas para iniciantes.



**Figura 3 – Bilheteria do Farol Santander. Disponível no site oficial. Autor não creditado. Sem data. Disponível em: < <https://farolsantander.com.br/#/o-farol/hall>>. Acesso em 20 de Junho de 2018.**

<sup>39</sup> Matéria sobre o Farol Santander. <<http://www.skataholic.com.br/2018/01/pista-de-skate-do-farol-santander/>>. Acesso em 18 de junho de 2018.

<sup>40</sup> Site oficial do Farol Santander. <[https://www.farolsantander.com.br/?gclid=EAlaIqObChMlrsXPr-rW2wIVEAiRCh2r0QCeEAAYASAAEgLfvrD\\_BwE#/o-farol/arena](https://www.farolsantander.com.br/?gclid=EAlaIqObChMlrsXPr-rW2wIVEAiRCh2r0QCeEAAYASAAEgLfvrD_BwE#/o-farol/arena)>. Acesso em 18 de junho de 2018.

O instrutor responsável é Marcelo Alves, 42 anos, skatista profissional e juiz da Confederação Brasileira de Skate. Marcelo trabalha com skate em tempo integral e já é skatista há quase 30 anos. Segundo ele, o crescimento do número de adeptos melhorou muito a estrutura para quem quer andar de skate; ele enfatiza também que até a década de 1990 ter um skate igual ao de um skatista profissional era possível apenas para pessoas com alto poder aquisitivo. Marcelo conta que era preciso viajar para fora para comprar um skate de primeira linha e que hoje você pode visitar lojas ou shoppings e até mesmo comprar pela internet um equipamento igual ao de um skatista profissional dos Estados Unidos.

Apesar da fala de Marcelo indicar que o acesso ficou mais fácil, os preços das marcas mais conhecidas não parecem tão acessíveis, especialmente para jovens da periferia. Na loja virtual da Element (em seu site oficial), um skate custa noventa dólares<sup>41</sup> (aproximadamente R\$ 340,00, na cotação do dia 23 de junho de 2018). No site brasileiro da mesma marca, um *shape* (apenas a madeira do skate, sem rodas ou outros componentes) custa aproximadamente R\$ 230,00<sup>42</sup>. A marca brasileira Nineclouds vende seus skates por preços que giram em torno de R\$ 220,00<sup>43</sup>.

Marcelo diz que era criança, mas já andava de skate quando Jânio Quadros proibiu a prática em São Paulo. Estava falando sobre as lembranças dos pais dizendo que o skate estava proibido quando apresentou o seguinte raciocínio:

Por falta de informação, o skate antigamente era marginalizado. Só de o cara descer a rua com um skate, ele já era meio que uma pessoa diferente. Então o que que é aquilo? É um skate? Não pode. Hoje em dia já tem um glamour, olha lá o skatista, que legal, tá nas olimpíadas. Hoje em dia o skate tá mais legal que antigamente, antigamente era tudo proibido. Hoje em dia você pode ter o melhor skate, andar com

<sup>41</sup> <<https://us.elementbrand.com/mens/shop/complete-skateboards>> Acesso em 23 de junho de 2018.

<sup>42</sup> <<https://shop.elementbrand.com.br/shop/skate/shape.html>> Acesso em 23 de junho de 2018.

<sup>43</sup> <<https://shop.nineclouds.com.br/skateboards.html>> Acesso em 23 de junho de 2018.

skatistas bons. Antigamente você via um skatista e ele não andava perto de você e hoje mudou bastante isso.

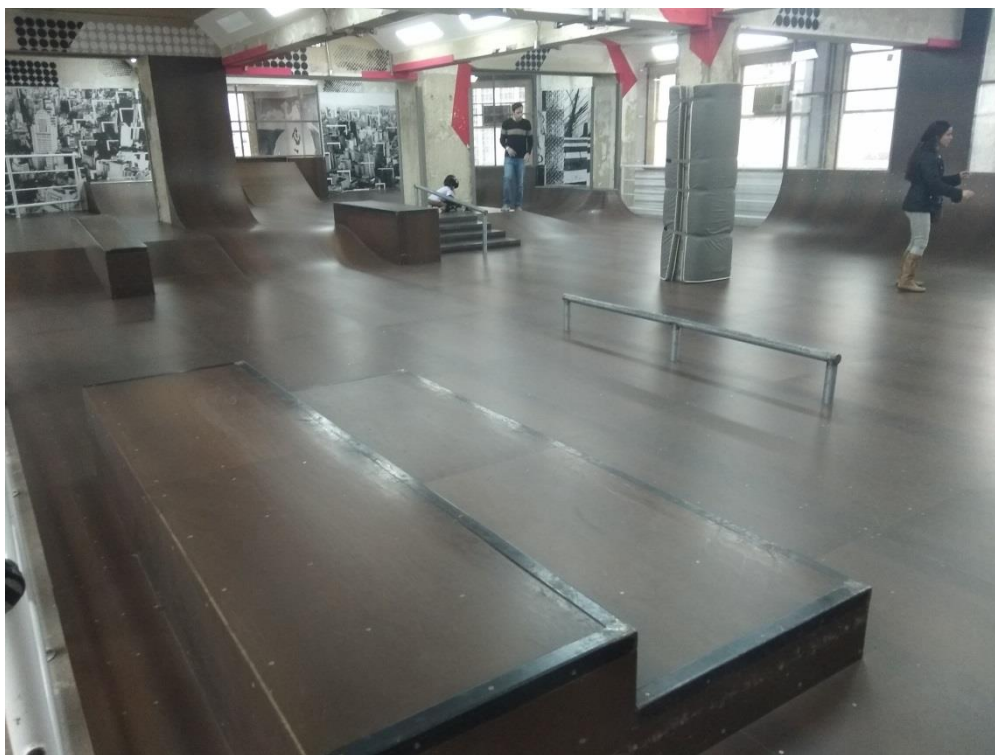
Aproveitei a fala de Marcelo e pedi pra que ele falasse mais sobre o preconceito contra a prática. Ele disse que o skate é uma coisa muito ampla, que envolve muita coisa e que muitas pessoas levam o skate como um estilo de vida; disse inclusive que, por conta da moda, vê pessoas que não são skatistas, mas andam com um skate debaixo do braço e com as roupas características. Logo em seguida, Marcelo complementa a ideia da seguinte forma:

Tem pessoas que fazem coisas que não são boas, o cara pode ser um pichador ou usar drogas. O cara estando com um skate, é o skate que vai levar a fama. Mas tem o cara do skate que é certo, que vai pra pista praticar, que dorme cedo, se alimenta bem, que faz parte do estilo de vida também, mas está mais preocupado em andar de skate. Tem aquele que vê o skate só como um visual, a gente tem que separar. O skate não pode levar a culpa por pessoas assim.

Podemos perceber que a fala de Marcelo difere um pouco das falas dos demais entrevistados até aqui. Marcelo coloca o preconceito como algo que já faz mais parte do passado do que da atualidade, enquanto Bruno e Murilo falaram da marginalização do skate como algo mais presente no cotidiano deles como skatistas. Por viver no meio mais profissionalizado, Marcelo não deve ser tão frequentemente visto ou abordado por pessoas que associem o skate a coisas ruins ou uso de drogas, assim como parece que o preconceito que ele associa ao passado ainda apareça em sua própria fala: a própria decoração da pista onde ele trabalha possui uma imagem de uma parede com pichações. Entretanto, a opinião sobre as marcas "do coração do skate", termo também utilizado por Marcelo aqui, permanece a mesma: são importantes para o fortalecimento da cena e dos skatistas.

Em seguida, perguntei sobre a pista do Farol Santander, mais especificamente sobre o público que a frequenta. Segundo Marcelo, a maioria dos frequentadores são iniciantes, muitas vezes crianças que vão com os pais para ter seu primeiro contato com o skate. Há também os skatistas que já andam há mais tempo e querem conhecer a pista por ser "a pista do Bob Burnquist". Ele

ressalta que a pista possui obstáculos tanto para skatistas experientes quanto para principiantes.



**Figura 4 – Criança com os pais na Pista de Skate do Farol Santander. Foto do autor. Junho/2018**

Mais uma diferença entre alguém que vive no meio profissionalizado e um skatista que simplesmente anda de skate surge quando perguntei a Marcelo sobre onde ele costumava andar. As respostas anteriores foram de tons diferentes, mas com certa aproximação no que diz respeito a como e onde praticar o skate. A resposta de Marcelo foi uma longa lista de parques e localidades projetadas especificamente para skatistas. Apesar de dizer que já andou muito na rua e com obstáculos improvisados, claramente a profissionalização do skate se sobressaiu nas escolhas de onde praticar deste skatista. A maioria dos locais citados eram públicos, mas na zona leste de São Paulo, longe do centro expandido e, consequentemente, de menor conhecimento do público.

Marcelo afirmou que prefere ir a pistas privadas para fazer sessões ou treinos, e acaba indo sozinho, mas com os amigos vai mais às pistas públicas.

Sobre as pessoas de cada espaço, ele afirmou que boa parte dos skatistas não tem condições de pagar para andar em pistas privadas e que muitos se assustam com as diferenças, especialmente na qualidade da construção da pista, quando conseguem uma oportunidade de conhecer.

Pedi para Marcelo fazer uma fala final sobre a prática e novamente nos encontramos com a denominação da prática do skate como estilo de vida. Segundo Marcelo, "skate é tudo". Segue a fala completa:

Muita gente do skate acredita que o skate não é um esporte, é um estilo de vida. Quando você assiste um evento de skate, muitos leigos não entendem como um skatista está torcendo positivamente pelo outro, o cara torce pro outro acertar a manobra. O skate tem isso de positivo. Eu acredito que skate é tudo, ele é uma cultura, ele é um estilo de vida, ele também é um esporte. Eu não posso dizer que é só estilo de vida porque tem gente que treina, se alimenta bem, segue uma regra, tem skatistas que não seguem isso e estão muito bem também. A gente não pode achar que é uma coisa ou é outra, o skate é livre e é bem completo, pode ser o que o cara quer, depende da visão dele e do que ele quer ser.

A fala aponta para o quão ampla pode ser a prática do skate, para a diversidade com a qual ela pode ser encarada dependendo de quem pratica. Isto associado também com a ideia de “ser livre”, algo constante na fala dos skatistas, assim como o sentimento de ligação com os demais participantes (exemplificado neste caso pela torcida mútua entre competidores). Encerrei por aqui a entrevista.

A Vans Skate Park<sup>44</sup> jaz no Parque Cândido Portinari, anexo ao Parque Villa Lobos, na zona oeste da capital paulista e fica muito próxima a entrada da estação de trem Villa-Lobos-Jaguari. A marca Vans, de roupas e acessórios, faz parte do universo dos skatistas e organiza inclusive campeonatos mundiais de skate. Foi esta inclusive a finalidade para qual a pista pública e gratuita foi construída (em parceria com o Governo do Estado de São Paulo). O

---

<sup>44</sup> Originalmente utilizado apenas para definir os espaços privados destinados à prática do skate, o termo “skate park” atualmente refere-se mais comumente há uma modalidade da prática que simula obstáculos de rua e outros elementos. <<http://www.oskate.com.br/modalidades-de-skate-conheca-as-principais/>> Acesso em 19 de junho de 2018.

campeonato ocorreu nos dias 2 e 3 de junho de 2018 e a inauguração da pista aconteceu poucos dias antes.



**Figura 5 – Competidora durante o Vans Skate Series, campeonato sediado na pista do Parque Cândido Portinari. Foto de Anthony Acosta. Junho/2018. Disponível em:** <http://www.vansparkseries.com/posts/6883/gallery-womens-qualifiers-semis>>. Acesso em 20 de Junho de 2018.

Não fica claro, porém, se a manutenção desta pista ficará a cargo da Vans ou do Governo do Estado de São Paulo: o site do governo estadual menciona a pista de skate na descrição do parque, mas não a parceria com a empresa Vans<sup>45</sup>. Aberta ao público gratuitamente das 5h30 às 19h00 e não conta com aluguel de equipamentos. O parque Cândido Portinari dispõe ainda de outras instalações esportivas – em concordância com o contexto no qual a pista foi construída, para abrigar um campeonato oficial – como quadras poliesportivas e ciclovias.

---

<sup>45</sup> Site oficial do governo de São Paulo. <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/parque-villa-lobos/>>. Acesso em 18 de junho de 2018.

A última entrevista a ser apresentada foi com o skatista Henrique, 33 anos, professor de educação física. Henrique começou no skate com 10 anos de idade e mora próximo ao Vans Skate Park e diz que a inauguração do parque foi uma conquista, pois existe uma grande comunidade de skatistas no bairro e até então não havia uma opção parecida para eles. A afirmação de Henrique era ilustrada pelas pessoas ao redor da pista em frente a nós, pois era notável o clima amistoso e como as pessoas se cumprimentavam ao sair e chegar, certamente muitas delas se conheciam desde antes de frequentarem aquele espaço. Ele ainda diz que dá aulas de skate para crianças e treinos para adultos, podendo usar a pista como ferramenta de trabalho.

Quando perguntei sobre o preconceito sofrido pelos skatistas, a resposta de Henrique foi ainda mais divergente das outras. O preconceito foi colocado como algo ainda mais distante da atualidade do que na fala de Marcelo Alves. O skatista associa bastante a queda do preconceito com a ascensão do skate como esporte:

O skate está muito mais bem-visto do que antigamente, antigamente a galera era presa na rua andando skate, apanhava da polícia. Hoje é totalmente diferente. Óbvio que ainda existe preconceito, a galera que é mais ignorante e que não entende a história do skate vai ter essa retração de aceitar o skate como esporte. Mas vai para as olimpíadas agora também, já dá uma outra cara pro esporte, tem bastante gente que representa muito bem o Brasil lá fora. Isso já tira um pouco da cabeça que skate é coisa de maloqueiro ou de quem não tem o que fazer. Acaba se tornando mais um estilo de vida e um esporte.

Ouvindo a fala, questionei Henrique sobre o que é skate, já retomando o trecho final do discurso. A resposta foi direta: "para mim, é estilo de vida". A resposta continuou assim:

Eu acordo olhando pros meus skates. Sempre que posso estou andando. Não vai ter um dia na minha vida que não vou estar olhando pros meus skates e lembrando das coisas que já fiz, viagens que já fiz pelo skate e faço até hoje. E quando eu quero treinar, fazer um treino mais pesado, eu ando de skate por horas e já me supre a necessidade do esporte. No skate eu englobo as amizades que eu fiz, as sensações que o skate me trouxe. De acertar uma manobra, de fazer uma viagem em busca de pista de skate. Essas coisas que acabam tornando o seu estilo de vida skatista, você se ver feliz fazendo o que você está fazendo. Você não precisa de uma pista gigante, se você descer uma ladeira e acertar umas manobras, já tá feliz.

Henrique assume um discurso que identifica, segundo ele mesmo, preconceitos dentro do próprio meio do skate, mentalidades ultrapassadas. O skatista afirma que quem viveu a época onde havia mais preconceito e repreensão contra a prática tem dificuldade de aceitar algumas coisas. Além disso, afirma não ter sofrido preconceito por andar de skate e isso difere dos outros depoimentos. Talvez por ser morador de um bairro de classe média e média alta, ou seja, não é alguém da periferia ocupando aquele espaço onde estão os indivíduos destas classes, os comportamentos de aversão ao skate sendo praticado ali não tenham aparecido. Isso nos diz que, possivelmente, mais do que preconceito contra o skate em si, a discriminação é direcionada à classe e à origem de seu praticante. Segue a fala:

A galera que viveu nessa época muito cheia de preconceito, eles obviamente têm uma outra cabeça. Eu andava e não sofri nenhum tipo de preconceito por andar de skate, nunca deixei de andar em nenhum lugar, ninguém me proibiu de andar de skate. É uma outra cabeça. Eu acho super válido as marcas incentivarem, investirem no jeito da galera se vestir, os skatistas acabam gostando, tem uns que reclamam e acabam usando também. São marcas que patrocinam vários formadores de opinião no esporte. O skate só tem a ganhar com isso. O lance do preconceito no skate tem que acabar, vai demorar pra acabar, mas tem que acabar uma hora. Tem que ser visto por quem viveu toda aquela história da proibição de antigamente, tem que acabar o preconceito de ambos os lados, né? A galera tem que deixar de ser velha demais no skate e começar a viver o que o skate tem pra oferecer agora.

Podemos notar nessa fala, também, que as marcas não foram classificadas como "marcas do coração do skate". Neste caso, há uma maior aceitação sobre essa mercantilização da prática e a visão de que a ideia de ir contra isso é ultrapassado, é "de uma cabeça" das pessoas que pensam com a mentalidade antiga. A contradição gerada pelo capital neste ponto é proeminente. Ao mesmo tempo em que o skate deve promover uma sensação de grande liberdade descrita por Henrique anteriormente, a prática deve estar atrelada ao mercado. Se o mercado dita como os espaços da cidade devem ser ocupados e como as cidades devem ser gerenciadas (conforme visto nos capítulos anteriores), seria possível tamanha liberdade através de uma prática intrinsecamente urbana como o skate? O mercado ditaria também os locais no

qual o skate deve ser praticado? De certa forma, dita, afinal existem as pistas privadas especificamente construídas pra isso e que, como qualquer comércio ou empreendimento, buscam lucro. A contradição, porém, não termina aí

Henrique mencionou apenas espaços públicos quando perguntado sobre onde ele gosta de andar. Citou a Avenida Paulista, Avenida Faria Lima e o Largo de Pinheiros. Podemos notar maior intersecção com os skatistas não-profissionalizados que foram entrevistados: eles fazem da rua, dos espaços da cidade, o lugar da prática do skate. Tanto a Avenida Paulista quanto a Avenida Faria Lima são constituídas como centros empresariais, locais onde se instalam agentes de reprodução do capital e onde a rua é apenas via de passagem. Quando uma prática como o skate, que de acordo com o skatista Henrique, é um estilo de vida onde você se vê feliz simplesmente por fazer o que está fazendo, toma uma avenida dessas e a torna seu espaço de realização acontece uma grande ressignificação desse espaço, um uso criativo. A rua não é mais só via de passagem, a rua torna-se um lugar de relações sociais – todos os skatistas entrevistados mencionaram as amizades que fizeram por conta da prática –, a rua é espaço para exercício físico, ou mesmo esporte. Como disse Murilo, tornam-se possíveis expressões de diversas formas e naturezas que acontecerão ali na rua através da prática do skate. Mas não é o mercado, tão presente em tais avenidas, que regula como gerir as cidades e que lucra com a prática do skate?

Podemos ver que nessas entrevistas alguns pontos são constantes nas falas dos skatistas. A consideração mais comum, que notei de forma mais unânime nos discursos dos entrevistados: o skate é um estilo de vida. Acredito que isso se relaciona diretamente com a forma de enxergar os espaços da cidade, pois enquanto a maioria das pessoas está simplesmente de passagem, o skatista consegue ver na paisagem ao redor dele múltiplas possibilidades para realização de uma prática que vai além do físico.

Se o skatista identifica um pico numa avenida, numa praça ou em qualquer espaço urbano, duas condições me chamam a atenção. A primeira

delas, se um praticante de skate não irá pensar nesse novo pico como um lugar onde ele, especificamente ele, poderia andar de skate, mas num lugar onde skate pode ser praticado. Ficou claro nas conversas que tive em cada um dos locais visitados que o skate gera amizades; a ligação dos praticantes com a própria prática – uma ligação de afeto entre skatista e o ato de praticar skate – abrange as relações entre os praticantes também. A outra condição está no fato de que perceber, no ambiente, lugares para se praticar skate gera um laço entre o skatista e a própria paisagem urbana.

Essas duas condições, percebidas por mim ao longo das visitas aos picos de São Paulo e da realização das entrevistas, remeteram-me ao conceito de topofilia apresentado por Tuan. Segundo o autor, “o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (1980, p. 129)<sup>46</sup>. Perceber a paisagem urbana como lugar da prática do skate conecta o skatista com a cidade. Ainda que seja historicamente definida, o laço que se configura a partir desta percepção única de um praticante de skate sobre o meio que o cerca ocorre quando o skatista desenvolve a prática e passa a notar tal meio de maneira diferente de um não-skatista; o autor reitera que a imagem urbana muda de acordo com a posição do observador (1980, p. 259)<sup>47</sup>. Posição esta não somente física, mas posição social condicionada pelos diversos fatores que envolvem as cidades, desde a mercantilização dada pelas gestões até os usos banais e acidentais.

Neste sentido, parece-nos que o conceito de lugar, lugar este definido pelo âmbito do espaço urbano e da sociedade urbana, como já foi exposto anteriormente, permite maior compreensão do processo. Segundo Carlos:

---

<sup>46</sup> TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

<sup>47</sup> TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 2007, p.17)

O skate é uma forma de pensar, de viver e de se apropriar do espaço através do corpo, é um modo de uso do espaço urbano. O que podemos perceber através dos pontos comuns nas falas dos skatistas é que eles se conectam aos demais praticantes de skate e à cidade através do espaço onde a prática ocorre, produzindo-se uma apropriação que, ainda que de forma contraditória, foge aos parâmetros hegemônicos de uso. A prática do skate é, então, uma prática do habitar a cidade, criando relações de sociabilidade que não estão pautadas, necessariamente, pelas relações de produção.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do skate gera relações de amizade e formas de sociabilidade, oferece uma forma criativa de dar significado, ou novos significados, aos espaços da cidade e encontra-se num ponto de tensão curioso do capitalismo. Tanto a revisão bibliográfica quanto as falas dos skatistas entrevistados apresentaram perspectivas sobre a prática que apontam para uma série de contradições geradas pelo capitalismo. Ao mesmo tempo, é possível perceber no discurso dos praticantes que há uma sensação de liberdade trazida pelo skate.

Essa liberdade aparece quando percebemos que é possível andar de skate e viver a cidade de uma forma diferente e ao mesmo tempo em que pode encontrar, na própria prática do skate, uma postura perante a sociedade, amigos, um esporte para se profissionalizar e até algo para se ver feliz por fazer, simplesmente. Pudemos observar que há apoio à existência das marcas de roupas e acessórios que se vendem através do skate e que surgiram de skatistas (como as já citadas Element e DC Shoes). Há aceitação mesmo da inserção do skate no mercado de forma geral, mesmo que a prática não esteja em total conformidade com o mercado em si.

Ainda que a gestão capitalista das cidades tenda a mercantilizar os espaços – espaços que podem ser ressignificados pela percepção dos skatistas – e que isso dificulte o acesso aos lugares, essa prática que faz parte do cotidiano de milhões de pessoas parece encontrar caminhos para crescer e se manter. Talvez a ação do mercado sobre o skate, tornando-o produto através de roupas, acessórios, pistas privadas, desenvolvendo patrocínios para atletas e usando o impulso da profissionalização esportiva da prática, atenuem o incômodo que a apropriação dos espaços urbanos deveria causar. Seria possível para o capitalismo produzir uma cidade que não seja acessível ao skatista? E mais ainda, isso seria interessante para as classes hegemônicas capitalistas, visto que o skate também é fonte de lucro?

Esta relação entre o skate e a geração de mercadoria é bastante peculiar. O skate é produto, há estilos de roupas produzidos para este nicho de mercado (os skatistas), há um esporte (olímpico) onde atletas são patrocinados e competem por premiações; tudo isso com base numa prática conflituosa com interesses da gestão capitalista dos espaços urbanos. A tensão entre a prática do skate de rua e a mercantilização dos espaços urbanos se estende a uma tensão entre a prática do skate e a mercantilização do skate. Seria importante considerar se existe também uma tensão entre a mercantilização do skate e a mercantilização dos espaços urbanos.

É também identificável algum direcionamento no sentido do Direto à Cidade, tal como apontado por Lefebvre, ao atentarmos às falas dos skatistas e até mesmo para a presença dos espaços visitados na metrópole de São Paulo. O Vans Skate Park, pista construída numa parceria entre a marca Vans e o Governo do Estado de São Paulo, foi chamado pelo entrevistado Henrique de conquista. A presença deste espaço público e gratuito voltado diretamente para a prática do skate, a meu ver, é um direcionamento do lucro de uma marca e do orçamento da cidade que configura certa influência da cultura do skate na aplicação deste capital. Porém não ousa dizer que há comando do processo urbano, como Harvey afirma que deve haver para consolidação do direito à cidade, mas parece haver certa influência. Marcelo Alves apontou uma série destes espaços, mostrando que a prática do skate já faz parte do processo urbano.

Retomando a sensação de liberdade percebida no discurso dos entrevistados, percebo parte dela como consequência da relação de toponímia descrita por Yi Fu Tuan. Quando as ruas são apenas via de passagem, espaço transitório entre origem e destino, é muito difícil conectar-se a elas, é difícil até mesmo reparar no que está ao seu redor. O skatista repara em tais arredores, o skatista transforma o que seria mero trânsito em lugar. Se não há o que perceber no meio ambiente, não é possível estabelecer laços com eles – assim é quando a rua se faz apenas trajeto e transitoriedade. A prática do skate dá ao

skatista uma razão para perceber os elementos presentes ali e conectar-se à rua, tornando-a lugar.

Os skatistas encontram o lugar de sua prática na rua, normalmente apenas espaço de ida e vinda, e também encontram espaços destinados especificamente a esta mesma prática espalhados pela cidade. A prática do skate é uma realidade das cidades e acumula milhões de adeptos, ou seja, milhões de pessoas ressignificando o espaço urbano por onde passam. Transformando bancos, meios-fios, corrimões e degraus em parte significativa de suas vivências da cidade e relações sociais. Uma realidade muito grande para ser ignorada, desde o aspecto do capital até os aspectos do cotidiano.

Os estudos sobre a urbanização podem (e devem) destrinchar e esmiuçar a ação do capital sobre as cidades, bem como reconhecer a importância dos atores não-hegemônicos envolvidos nesta produção espacial. Se as relações sociais estão assentadas no direito à propriedade, visto que vivemos uma sociedade capitalista, os skatistas se apresentam num viés oposto a esta base, gerando relações sociais fundadas na percepção dos objetos da arquitetura da cidade, ao mesmo tempo que se apresentam como mercado consumidor para a indústria da moda, empreendimentos como pistas de skate privadas e público para campeonatos esportivos como os Jogos Olímpicos. A prática do skate chega ao capital bilionário de marcas internacionalmente reconhecidas partindo do grupo de amigos de um bairro que se reúne para mostrar manobras uns aos outros numa praça, parque ou mesmo nas calçadas do centro da cidade. Este alcance mostra como o capital apropria-se também do cotidiano; como dito no início deste trabalho, sua dominação não é restrita apenas aos instrumentos oficiais dos estados, estende-se ao social e ao cultural também.

Este trabalho tentou se aproximar desses praticantes e das tensões dessa prática tão ampla; prática nascida dentro das cidades e até parte integrante delas. Conhecer mais de perto o skate e os skatistas me fez pensar em como trato meus trajetos diários e na importância que dou aos elementos tão comuns nas ruas pelas quais caminho ou encaro através dos vidros do

transporte público. A produção dos espaços urbanos é recheada de múltiplas complexidades, uma delas a prática do skate: pode ser filosofia de vida, cultura ou esporte, mas faz parte da urbanização, do mercado capitalista e da sociedade. Conscientizar-me dessas nuances foi um processo de conhecer melhor onde estou, onde vivo e perceber melhor até onde podem ir práticas cotidianas ou banais dentro de uma cidade.

## 6. BIBLIOGRAFIA

BOTELHO, Adriano. **A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. Cadernos Metrópole.**, [S.l.], n. 18, fev. 2012. ISSN 2236-9996. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8727>>. Acesso em: 20 out. 2017

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos Deslizantes, Corpos Desviantes: A prática do skate e suas representações no espaço urbano.** Dissertação de mestrado em história. Universidade Federal da Grande Dourados, 2006.

BRANDÃO, Leonardo. **O skate invade as ruas: história e heterotropia.** In: RUA. 2014, no. 20. Volume II - ISSN 1413-2109. p. 53. Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

BROOKE, Michael. **The Concrete Wave: The History of Skateboarding.** Warwick Publishing Inc. 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo: FFLCH, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007.

CARLOS, Ana Fani A. **Sobre a prática sócio-espacial.** In: Dantas, Aldo. (Org.). Geografia e cultura, marxismo, complexidade, ensino, planejamento, saúde. 1ed.Natal: EDUFRN, 2008, v. 1.

CAVE, Steve. **Skateboarding: a brief history.** Publicado em 25 de outubro de 2017 e disponível em: <<https://www.thoughtco.com/brief-history-of-skateboarding-3002042>>. Acesso em 21 de março de 2018

DINIZ, Nelson e SILVA, Luciano H. da. **Contra-uso skatista de espaços públicos no Rio de Janeiro.** Revista eletrônica @metropolis. Nº27, ano 7. Dezembro de 2016.

DUARTE, Orlando. **A História dos Esportes**; 4ª ed. Senac, São Paulo, 2004

HARVEY, David. **The right to the city**. New Left Review. 2008. Disponível em: <<https://newleftreview.org/II/53/david-harvey-the-right-to-the-city>> Acesso em: 22 de março 2018.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2014.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEFEVBRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo. Ed. Anthropos, 1968.

MARCUS, Ben; GRGGI, Lucia. **The Skateboard: The Good, the Rad, and the Gnarly: An Illustrated History**. MVP Book. 2011.

MARES, Rizia M. **A produção social dos espaços de lazer: o caso de Vitória da Conquista, Bahia-Brasil**. *Revista Formação*, Vol. 1; n. 24, Jan-Abril/2017. p. 136-152. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/4664>>. Acesso em 28 out. 2017.

MONTGOMERY, Tiffany. **The state of the skateboarding industry**. 2009. Publicado em 2014. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20140812232423/http://www.shop-eat-surf.com/2009/05/the-state-of-the-skateboarding-industry/>>. Acesso em 16 de março de 2018

WASCONCELLOS, João G. F. **Skat'insubordinado: Flâneurs sobre rodinhas**. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.